

I. INTRODUÇÃO

1. APRESENTAÇÃO

O início do século XXI evidencia os reflexos da globalização mundial que, ancorados aos grandes avanços tecnológicos como as telecomunicações e a rede internet de informática, têm contribuído para conquistas que deslumbram a humanidade, agilizam as ações, aproximam as populações e facilitam a comunicação de diversos setores nas mais variadas culturas e povos.

Paralelamente a essa realidade de avanços tecnológicos convive-se, na sociedade atual, com o aumento da “miséria, da fome, do desemprego, do analfabetismo e da doença” (FREITAS, 1998, p. 86), além do aumento da violência. Encontram-se também na periferia das grandes cidades, grupos de pessoas sem moradia certa, vivendo em lugares precários e de risco.

Estas populações vivem, muitas vezes, em condições de extrema pobreza, sem perspectiva de conseguirem condições financeiras mínimas para suprirem suas necessidades mais básicas (FREIRE, 1976). Como se posicionar diante desta realidade?

Com a preocupação de entender a realidade de vida destes setores menos favorecidos, que vivem em bairros pobres, foi realizada esta pesquisa que se fundamentou no enfoque da Psicologia Social Comunitária a partir dos estudos de FREITAS, (1996); LANE, (1996); MARTIN-BARÓ (1998); MONTERO, (2000) e FREIRE (1979). Que abordam os aspectos psicossociais ligados ao desenvolvimento da capacidade crítica diante de situações de opressão.

É importante também que se considerem alguns aspectos da trajetória sócio-econômica e política do Brasil que, dentre outros fatores, pode ter contribuído para que as pessoas desfavorecidas encontrem uma maior dificuldade de sair da situação de pobreza e de desesperança em que se encontram. (JACOBI, 1993).

Nesse sentido, o povo brasileiro vivenciou um regime político-militar, que se iniciou com o golpe de 1964 e deixou rastros de repressão e violência na memória da história brasileira, fato que, de alguma forma, pode ter-se refletido para que a população menos favorecida, diante da fragilidade de sua condição de vida, ficasse mais exposta à dominação e manipulação do poder dominante. Alguns países

vizinhos do Brasil também vivenciaram regime de ditadura política, fato que resultou em realidades sócio-econômicas similares de pobreza e desesperança entre seus povos (FREIRE, 1999).

As condições de vida das pessoas menos favorecidas foi um dos fatores que suscitou, nos anos 70, o surgimento da Psicologia Social Comunitária, na América Latina. O enfoque social comunitário por ela revelado, veio como forma de suprir “o vazio provocado pelo caráter eminentemente subjetivista da psicologia social psicológica” que não era capaz de responder aos problemas sociais das camadas mais pobres, que viviam sob “constantes injustiças e opressões” (MONTERO, 2000, p. 70).

O Brasil é um país marcado pela desigualdade de renda e conseqüente falta de oportunidade de vida digna para inúmeras pessoas. Observam-se nas grandes cidades, os chamados, “centurões de pobreza” (FREIRE, 1979), “(...) bairros, vilas, aglomerações de casas e casebres que iam, de maneira desorganizada, sendo erguidos em terrenos os mais inóspitos e inseguros possíveis, contudo mais próximos onde as pessoas podiam trabalhar” (FREITAS, 2005, p. 59).

Além disto, estando sem opção de moradia, muitas famílias constroem suas casas em lotes irregulares que não possuem as mínimas condições de infraestrutura, como também não têm a regularização formal de seus lotes, por parte dos órgãos do governo. Geralmente estes lotes localizam-se em regiões próximas a rios poluídos e lixões, com uma visível degradação ambiental (IBGE / UNICEF, 2004).

A política econômica pode também contribuir para manter as pessoas na condição de pobreza e exclusão social, devido à lógica da exploração e dominação dos mais fracos. Nesse sentido, são famílias que “vêm tendo seus direitos negados durante várias gerações. Uma família que vive em situação de extrema miséria vê-se impossibilitada de manter um mínimo de estabilidade em sua vida familiar” (RIZZINI, 2006, p. 93).

Segundo Dias (1998), outras conseqüências da realidade econômica capitalista, é que, promove o uso indiscriminado das reservas naturais, a crescente demanda de energia, de geração de resíduos, a poluição do ar, das águas e do solo, gerando um desequilíbrio sócio ambiental, no entorno onde vive, grande parte das pessoas menos favorecidas.

Esse modelo econômico “gera o inchaço das cidades, a má distribuição das riquezas, promovendo as desigualdades sociais e a conseqüente diminuição do

poder aquisitivo e da qualidade de vida digna para o ser humano; colocando em risco a vida humana e a própria vida do planeta”, (DIAS, 1998, p.149).

Para Loureiro (2002), existe na sociedade atual, um desequilíbrio econômico e ecológico que atinge toda a humanidade, independente de classe social. Para o autor referenciado, esse fato traz conseqüências que, desencadeiam um processo de mudanças abruptas e se refletem na fragmentação da vida coletiva expressa na diminuição da qualidade de vida digna para grande parte das pessoas, nas mais diversas regiões e culturas.

Defende-se aqui que é necessário que se compreenda o impacto que estas condições desfavoráveis causam no ser humano, dentro de uma proposta que tenha como visão buscar o encontro de possibilidades de reestruturação e melhoria de vida, ao mesmo tempo em que, gere esperanças de transformação social. Nesse sentido, a Psicologia Social Comunitária e os estudos de Paulo Freire podem apontar alguns caminhos.

Segundo Freire (1979), o homem é um ser capaz de se autodeterminar. Por isso, nos contextos de pobreza e miséria, em que vive grande parte da população das grandes cidades, a educação poderá desempenhar um papel importante nos processos de conscientização e interação entre os sujeitos submetidos à dominação e alienação.

Nesse contexto sócio-político, como demonstram vários estudos, o método de alfabetização de adultos, na perspectiva da proposta de Paulo Freire, teve uma significativa contribuição no desenvolvimento de trabalhos em comunidades pobres, por ser uma prática que aproximava as pessoas em torno do aumento da sua auto-estima, da autonomia e da sua emancipação (FREITAS, 2005; MONTERO, 2004; MARTIN-BARÓ, 1987).

As abordagens teóricas direcionadas a promoverem a emancipação dos indivíduos são formas educativas que visam uma melhor reflexão e tomada de consciência crítica para os mesmos (FREIRE, 1983). Este enfoque também visa a valorização do saber do indivíduo na sua existência concreta e o instrumentaliza para a transformação da realidade e de si mesmo. (LOUREIRO, 2002).

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2004, p.22).

De acordo com Camargo (2006, p. 202), “educa-se o homem em sua totalidade, assim as ações precisam partir dele, de suas necessidades, de seu modo especial de ver o mundo e estar inserido nele”.

Sendo assim, diante dos problemas que ocorrem no cotidiano das comunidades, podem-se buscar alternativas e propostas no dia a dia dos indivíduos a fim de que se mobilizem rumo ao exercício da cidadania plena e de uma maior dignidade em suas vidas.

A partir do momento que se desperte nas comunidades a busca por melhores condições de vida digna, as interações entre as pessoas poderão abrir caminhos para que estas possam se expressar e ser reconhecidas com direitos assegurados de respeito às suas diferenças, e ao estabelecimento de relações afetivas de melhor qualidade.

A cidadania plena implica que, os sujeitos possam participar de decisões que dizem respeito a tudo que tem a ver com suas vidas, com respeito e dignidade, fortalecendo sua identidade e levando em conta a sua individualidade. (MONTERO, 2003)

A Psicologia Social Comunitária se propõe a apontar caminhos para enfrentar a impotência e desencantamento das pessoas nas suas vidas.

Corroborando com esta idéia, a Psicologia Social Comunitária em nosso país, “contribui para encontrar elementos que fortaleçam o desenvolvimento de trabalhos comunitários; cria possibilidades críticas de aproximações e distanciamentos em relação ao mundo e aos projetos políticos; promove a discussão nas mais diversas temáticas que assolam as comunidades”, visão esta “orientada pelo compromisso de que o trabalho deve possibilitar mudança das condições vividas cotidianamente pela população, ao mesmo tempo em que esta é que estabelece os caminhos e aponta as suas necessidades (FREITAS, 2000, p. 103).

Outra possibilidade de desenvolverem-se trabalhos comunitários são os projetos de pesquisa que visam tornar conhecidas as demandas existentes nos bairros, e os problemas vivenciados pelos seus moradores, assim como apontar possibilidades de resolução, a partir das próprias vivências desses sujeitos. Entretanto, precisa se levar em conta que “continua havendo, uma outra forma de inserção comunitária guiada pela curiosidade em conhecer esse ser estranho: as populações mais desfavorecidas” (id. p. 103).

Neste estudo, caracterizam-se como comunidades pobres, “aquelas que vivem na periferia das grandes cidades, em situação de pobreza urbana” (TEIXEIRA, 2006, p. 74), vivendo em moradias sem infra-estrutura de água e esgoto, com escassos recursos para suprirem suas necessidades mais básicas de sobrevivência (alimentos, remédios).

O presente trabalho constitui-se em uma pesquisa que busca identificar junto aos moradores de duas vilas pobres de Curitiba - PR, as dificuldades existentes no local, e as perspectivas de mudanças que os moradores gostariam que houvesse.

1.1. JUSTIFICATIVA

O Brasil é um país com imensas desigualdades sociais e contradições. Na sociedade atual, cresce e ganha importância cada vez mais o amplo contingente de pessoas que vivem na periferia das grandes cidades, é composto de famílias que, muitas vezes se encontram em condições precárias com relação à moradia, alimentação, educação, emprego, saúde, transporte e lazer (MINUCHIN, 1999).

Atualmente, quando “vários milhares de crianças e adolescentes estão circulando pelas ruas” com risco de não sobreviverem a essa vida, “estima-se que, em 46 % dos 50 milhões de brasileiros que vivem na pobreza, com famílias de renda *per capita* até meio salário mínimo, existem 53% de crianças de zero a seis anos de idade” (IBGE / UNICEF in RIZZINI, 2006, p.18).

A situação de extrema pobreza na qual inúmeras famílias vivem, localizadas em barracos ou casebres nas periferias, sem esperança e expectativa de futuro, colocam em risco o desenvolvimento bio-psico-social das crianças e adolescentes que se encontram nesses locais de risco. (IBGE, 2000)

A vivência em alguns trabalhos em comunidades desta pesquisadora, ao lado de “experiência durante quatro anos na coordenação de projetos sociais” direcionados à população de baixa renda, (pessoas que se encontravam em “situação de risco pessoal e social”) foi o início da reflexão sobre a situação da vida dessa população menos favorecida. (CAMARGO, 2006, p. 204).

A Psicologia Social Comunitária se propõe a estudar as relações sociais, sua pertinência aos grupos, seus níveis de consciência e identificação, a fim de que as pessoas das comunidades desprivilegiadas repensem as bases de interação com o

Planeta, desde as práticas mais elementares e aparentemente insignificantes do indivíduo no dia a dia, como jogar papel no chão, seu hábito de consumo diário; até ter-se uma posição crítica de si mesmos e do lugar onde vivem. (CAMPOS, 2005).

Segundo Loureiro (2002), é desejável que, em se tratando de comunidades pobres, diante da condição desfavorável em que se encontram, estas se organizem e reivindiquem junto aos órgãos competentes, o direito de viverem em um ambiente sadio, que lhes permita uma vida digna e produtiva.

Para Campos (2005), a Psicologia Social Comunitária também se propõe a contribuir para a construção de relações sociais mais sólidas, democráticas e solidárias, rumo ao fortalecimento e à autonomia da comunidade, com vistas à melhoria da qualidade de vida das pessoas.

A partir dessa realidade buscou-se identificar como algumas pessoas que vivem em contextos de vulnerabilidade social, ou em locais de risco durante anos. Espera-se compreender os motivos que levam essas pessoas a permanecerem numa realidade de insegurança, sem qualquer perspectiva, até mesmo de moradia, por esta se encontrar em lotes irregulares.

De acordo com a perspectiva da Psicologia Social Comunitária, espera-se que possam ser feitas reflexões sobre aspectos ligados a caminhos para a autonomia e a emancipação dos indivíduos que vivem em comunidades desprivilegiadas.

1.2. PROBLEMA DE PESQUISA

A realidade de vida de diferentes comunidades tem sido objeto de estudos em vários projetos das universidades, do governo, de Organizações não governamentais - Ongs e da sociedade civil. Por isso, é inquietante pensar-se que embora existam tais projetos, pouco tenha efetivamente promovido essas pessoas rumo à cidadania, a autonomia, a emancipação e ao direito de serem reconhecidas como cidadãos de fato.

A presente proposta de pesquisa propõe-se a fazer uma reflexão teórica sobre os fatores psicossociais ligados às razões dos moradores de um bairro viverem em condições precárias.

Diante destas considerações sobre os aspectos que interferem na vida das pessoas e nas suas interações é que a proposta do presente trabalho se insere, indagando:

Quais as condições de vida, rede de relações e alguns aspectos psicossociais que levam os moradores de comunidades desfavorecidas a viverem em tais condições precárias?.

Pretende-se a conhecer a maneira como vivem as pessoas destas duas vilas e quais são alguns dos significados psicossociais que este viver tem para eles, buscando identificar os sentidos atribuídos para o fato de continuarem a viver a tanto tempo em um lugar com tantas adversidades e precariedades. Tal fato pode permitir compreender alguns aspectos psicossociais estão na base das razões para esse existir e, ainda assim, sentirem-se pertencentes a tal lugar, mantendo sua rede de convivência. (FREITAS, 2005, 2006; MONTERO 2004; MARTIN –BARÓ, 1987).

1.3. OBJETIVOS

Pretende-se que sejam atendidos os seguintes **objetivos**:

- Investigar, junto aos moradores, quais os motivos para sua permanência no bairro e alguns significados de residirem nessa localidade.
- Identificar os problemas vivenciados no seu cotidiano.
- Descrever as alternativas e/ou soluções para os problemas indicados pelos próprios moradores.

1.4. HIPÓTESES

A partir da problemática apresentada, formulou-se como hipótese:

- O que pode estar mantendo os indivíduos convivendo, em um local de condições ambientais desfavoráveis, são os vínculos afetivos estabelecidos com este local e suas redes de convivência, a ponto de suportarem as precárias condições, materiais e humanas, nas quais vivem.

II. COMUNIDADES E CONDIÇÃO DE VIDA: ENFOQUE DA PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA

2. DINÂMICA AMBIENTAL EM COMUNIDADES POBRES: ALGUNS ASPECTOS

Para dar embasamento à pesquisa, faz-se necessário discorrer sobre alguns aspectos teóricos que visam proporcionar uma maior compreensão sobre a realidade ambiental das comunidades menos favorecidas.

Mesmo diante da realidade dos processos da globalização, que aproximam os homens por meio dos mais modernos meios de comunicação, (entre eles o celular e a internet), pode-se dizer que estes meios não são capazes de aproximar e conscientizar os seres humanos para a compreensão das conseqüências devastadoras dos efeitos do capitalismo e da exploração e consumismo em suas condições de vida.

Um dos primeiros trabalhos publicados que narrou a degradação socioambiental que ocorria em vários países do continente devido ao modelo de desenvolvimento econômico inescrupuloso foi o livro da bióloga Rachel Carson, “Primavera Silenciosa”, publicado em 1962.

O livro faz um alerta tanto à população mundial e seus governantes no que se refere à poluição do ar e à destruição de matas e florestas quanto à utilização indiscriminada de pesticidas que contaminam o solo, dentre outras formas de contaminação. Foi “a partir da publicação desse trabalho-denúncia, que o tema socioambiental passou a fazer parte das políticas intergovernamentais” (DIAS, 2000, p. 74),

A crescente degradação socioambiental de impacto mundial, que foi sendo constatada e denunciada pelos diversos setores da sociedade, e o reflexo dessa degradação na vida de todos os seres vivos, aliada aos discursos ambientalistas, passaram a promover a mobilização de instâncias internacionais, resultando na realização de vários encontros a fim de integrar os países, seus governantes, intelectuais, organizações não governamentais, sociedade e, assim, compromissá-los com as questões sociais e do meio ambiente. (id, 2000, p.75).

Inúmeros congressos e seminários nacionais e internacionais ocorrem em diversos países, alguns documentos e agendas têm sido elaborados, refletindo

dessa forma a preocupação dos governantes e da sociedade, com essas questões socioambientais. (LOUREIRO, 2002, p.71).

Entretanto, percebe-se que, ainda existe um enorme distanciamento entre a mobilização dos governantes e a efetivação das ações necessárias e urgentes de serem implantadas em seus países, a fim de que se tenha um maior controle sobre o aumento da degradação do meio ambiente.

Considerando o homem no mundo como um ser ativo, participante e dinâmico, capaz de grandes transformações, tanto positivas quanto negativas, e buscando-se uma transformação diante da crise socioambiental que se apresenta ao planeta, “a Educação Ambiental vem sendo apontada como elemento estratégico na formação de ampla consciência crítica das relações sociais” (LOUREIRO, 2003, p. 69).

Diante desse cenário de degradação ambiental que, lamentavelmente tem atingido direta ou indiretamente a todos os seres vivos, é fundamental que se encontre o equilíbrio entre o homem e o meio ambiente, a fim de que possa usufruir dos recursos naturais que existe no seu entorno, de forma responsável e coerente, mas, principalmente, com a compreensão de que aquilo que não se cuida, pode vir a faltar, num curto espaço de tempo, comprometendo a própria vida no Planeta, (LIMA, 2002)

E inegável a interligação entre as realidades ambientais e psicossociais em que vive o ser humano. Por isso, é desejável que se tenha um olhar diferenciado, principalmente frente às comunidades menos favorecidas que são as populações que mais sofrem com as situações de desequilíbrio no meio ambiente.

A fim de que se tenha uma maior compreensão do que realmente ocorre no dia a dia das comunidades menos privilegiadas, é necessário conhecer como vivem e pensam as pessoas que dela fazem parte. Que significado tem, para elas, viver e relacionar-se entre si e com o meio ambiente no local onde estão. Apenas um engajamento pode fornecer as condições necessárias a uma convivência comunitária digna que aponte para a transformação social.

Para que as mudanças e as transformações sociais sejam viáveis, é necessário que as pessoas das comunidades desprivilegiadas se organizem, assumam tarefas e responsabilidades que tenham a ver com a superação dos problemas imediatos nelas existentes.

Percebe-se que grande parte das pessoas residentes em vilas pobres, hoje em dia, vive da coleta de materiais recicláveis. Vários moradores das referidas vilas, colocam junto às suas casas e barracos, grandes depósitos de lixo que, muitas vezes, por falta de informações, colocam em risco a saúde da própria família e da comunidade. (DIAS, A, 2002)

A conscientização sobre as questões do meio ambiente, numa visão que entenda que as ações do homem estão interligadas e se refletem no meio em que vive, poderá ser fundamental para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

2.1. PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA: ALGUMAS PREOCUPAÇÕES

A revisão da psicologia comunitária no Brasil não pode ser feita fora do contexto econômico e político do Brasil e da América Latina. Sem dúvida, o golpe militar de 1964 tem muito a ver com o seu surgimento, pois se num primeiro momento vivemos um período de extrema repressão e violência(..), fez com que os profissionais da psicologia se questionassem sobre sua atuação junto à maioria da população (..) na sua conscientização e organização (LANE, 2005, p.17).

A Psicologia Social Comunitária na América Latina esteve internamente ligada às trajetórias históricas e sociais dos países que passaram por ditaduras militares e que tiveram sua organização a partir da ideologia dos partidos de esquerda. De acordo com PRADO, (2002), na América do Norte, a Psicologia Social estava mais vinculada ao movimento de saúde comunitária.

Para Freitas (1996), a Psicologia Social Comunitária sofreu também as influências tanto da Teologia da Libertação das Comunidades Eclesiais de Base como dos estudos de Paulo Freire.

A Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire também foi uma proposta de libertação, através da alfabetização e da conscientização dos menos favorecidos, para que estes saíssem da opressão em que viviam.

Por volta dos anos 60, surgia a “Psicologia Comunitária, tanto nos Estados Unidos como nos vários países da América do Sul”. Neste continente, ela estava relacionada à atuação do psicólogo junto às populações carentes, embora a grande maioria dos trabalhos dessa época tinha um enfoque assistencialista e manipulativo” (LANE, 2005, p.18),

Segundo Prado (2002), a Psicologia Social Comunitária, na América Latina, iniciou suas práticas na época em que a maioria dos países dessa região vivia regimes políticos de ditaduras militares. Essa realidade fez com que alguns dos profissionais da psicologia comunitária, naquele momento histórico, e, de acordo com Lane (2002), desenvolvessem seus trabalhos, como sendo mais um espaço de militância política.

Essas influências, inegavelmente, fizeram com que a Psicologia Social Comunitária na América do Sul tivesse um caráter politizado, mais do que a Psicologia Social da América do Norte (MONTERO,2003).

Neste campo, na América Latina há a visão do coletivo e da comunidade, vistos como um conjunto de práticas e intervenções capazes de criar condições para uma vida mais humana e digna. “La psicologia social comunitária generada en los países americanos, tanto del Norte como del Sur y el Centro, desde sus inicios há estado orientada casi siempre hacia la transformación social” (MONTERO, 2003, p.143).

Tratando-se de indivíduos inseridos numa determinada comunidade, com vistas às transformações sociais, segundo Góis, (*apud* CAMPOS, 2005) a Psicologia Comunitária é “uma área da Psicologia Social que estuda a atividade do psiquismo decorrente do modo de vida da comunidade. Para isso, estuda os sistemas de relações e representações, a identidade, o nível de consciência, a identificação, a pertinência dos indivíduos ao local e aos grupos comunitários”. O autor enfoca com objetivo maior, a transformação do indivíduo em sujeito da ação humana.

Para este autor, as pessoas destas determinadas comunidades precisam desenvolver consciência crítica, sentido de pertença ao lugar onde vivem e, finalmente, reconhecerem-se como sujeitos, com plenas condições de transformarem, não só o entorno onde vivem, mas a comunidade e suas próprias vidas.

É necessário levar-se em conta as condições internas e externas dos sujeitos e que, nesse momento de vida, podem vir a facilitar ou dificultar as condições necessárias para que adquiram a cidadania plena.

Segundo Lane (2005), o contexto grupal é extremamente importante na construção da identidade dos sujeitos, ou seja, nessa interação, os indivíduos se identificam com o outro semelhante, ao mesmo tempo em que se diferenciam desse outro e se reconhecem como sujeitos.

Segundo Martin-Baró (1986, p.228), “(...) la verdad de los pueblos latinoamericanos no está en su presente de opresión, sino en su mañana de libertar, la verdad de las majorias no hay que encontrar, sino que hay que hacerla”.

A proposta da Psicologia Social Comunitária pode parecer um tanto utópica pelo fato de falar da possibilidade de que pessoas exploradas trilhem o caminho da liberdade e da superação à opressão social, econômica e política. Entretanto, esta disciplina dentro do enfoque dos estudos de Martin-Baró, quando se materializa nas relações, passa a contribuir para que haja liberdade social e individual das pessoas em suas relações cotidianas de opressão.

Espera-se que os trabalhos desenvolvidos junto às comunidades desprivilegiadas, na América Latina e no nosso País, possam ser pautados em valores éticos, morais e de solidariedade, a fim de promoverem as transformações necessárias com vistas ao fortalecimento das comunidades pobres.

Neste estudo, adota-se o enfoque da Psicologia Social Comunitária:

Compreende o homem como sendo sócio-historicamente construído, utiliza-se do enquadre teórico da psicologia social, privilegiando o trabalho com os grupos, colaborando para a formação de consciência crítica e para a construção de uma identidade social e individual orientadas por preceitos eticamente humanos (FREITAS,2005, p.73).

Dessa forma, a Psicologia Social Comunitária busca potencializar uma dinâmica de interações que promova a integração da comunidade como um todo, numa permanente assimilação de novas formas de conhecimento, conscientização e fortalecimento.

Trata de propostas de práticas inovadoras e criativas, com vistas à prevenção da estagnação, à estimulação para a transformação de hábitos e condutas desfavoráveis que muitas vezes impedem o crescimento e a emancipação dos sujeitos nas comunidades.

Para Campos (2005), é no espaço comunitário e psicossocial que a vida cotidiana acontece e permite que se estudem os sistemas de relações, representações, consciência, identificação e sentido de pertença das pessoas aos grupos. Nesse sentido, objetiva-se que os sujeitos se conscientizem que pertencem a uma determinada comunidade e que possuam uma história de vida, enquanto comunidade; que se sintam pertencentes aos grupos onde vivem e aos poucos, se encontrem agindo na condição de sujeitos ativos e dignos. É importante, entretanto,

que se reflita sobre o perfil do profissional da psicologia social comunitária que vai a campo, a fim de que sua atuação seja direcionada a de um agente facilitador do processo, rumo à autonomia e emancipação dos sujeitos.

Segundo Freitas (1998, p.101),

é importante que sejam feitas avaliações sérias e cautelosas sobre que visão de homem que está implícita nas práticas de profissionais que pretendem realizar trabalhos junto às comunidades pobres, principalmente porque muitas vezes, a aproximação entre estes é meramente geográfica e a visão psicologizante e reducionista da problemática vivida pela comunidade.

Não basta a constatação da miséria e do sofrimento humano nas comunidades, é necessário que esse sofrimento seja visto como sendo uma condição indigna e desumana, que suscite vontade e meios de interagir com esse outro, que muitas vezes é diferente, mas que detêm o conhecimento do que é melhor para si e para sua comunidade (FREITAS, 1996).

Diante do que foi exposto, é desejável que as populações de comunidades venham a se organizar, levantar questionamentos sobre sua realidade de vida, planejar novas formas e estratégias de enfrentamento, e assim participar da implantação das políticas públicas, começando pelo lugar aonde vivem.

Para isso, a perspectiva de fortalecimento da comunidade visa estimular a emancipação e autonomia das populações menos favorecidas, promover espaços e oportunidades para que se dêem as mudanças democráticas, a fim de que as comunidades retomem a condução de suas próprias vidas e destinos. “Esse fortalecimento deve estar em função das comunidades e ser levado em frente com elas” (MONTERO, 2003, p.85).

De acordo com Montero (2003), é possível ter-se outra visão diante das comunidades menos favorecidas. O termo “fortalecimento” na Psicologia Social Comunitária, tem um enfoque diferente do que se observa na atuação de algumas entidades que desenvolvem trabalhos nas comunidades pobres, sejam estes, religiosos, políticos ou de entidades não governamentais.

A autora esclarece que a noção de fortalecimento é vista como sendo essencial para se alcançar o desenvolvimento e a transformação das comunidades pobres, principalmente, as da periferia das grandes cidades, porque estas, muitas vezes, se encontram em situações de extrema pobreza, e ao mesmo tempo, convivem com o lado rico da sociedade por estarem localizadas ao lado de bairros nobres.

Diante do quadro social em que vive grande parte da população menos favorecida no Brasil e na América Latina, deve-se buscar um referencial teórico que possibilite às comunidades pobres, fortalecerem-se e adquirirem autonomia. As teorias de fortalecimento nas comunidades se mantêm, apesar de existir paralelo, tendências orientadas ao assistencialismo. (Montero, 2003).

Embora o enfoque assistencialista seja forte na América Latina, a autora relembra que nos Estados Unidos e no Canadá, sempre esteve presente uma visão que centra a atenção no desenvolvimento da comunidade e na organização dos seus membros. Então, o fortalecimento, nos critérios da Psicologia Social Comunitária, é um processo que precisa ocorrer no coletivo, sendo essencial a interação entre as pessoas que vivem nas comunidades.

Montero (2003) define a partir do enfoque da Psicologia Social Comunitária e através da prática psicossocial comunitária que, para que os membros de uma determinada comunidade se fortaleçam entre si, as condições mais favoráveis devem ser: - “Geração de situações nas quais os membros da comunidade tenham o controle e a direção das circunstâncias; - Planejamento junto às atividades a partir das necessidades existentes no local; - Identificação dos recursos necessários para resolver-se, a curto, médio e longo prazo, os problemas levantados; - Estabelecimento de hierarquias na resolução dos problemas; - Planejamento a partir do modelo- ação - reflexão – ação, e inclusão do maior número possível de pessoas na execução das atividades na comunidade” (p.79). Por isso, a participação coletiva se torna prioridade para ampliar, aprofundar e alcançar todas as características e objetivos fundamentados na solidariedade e apoio social. Nesse sentido, a união, além de fazer a força, promove os sujeitos nas suas interações entre os diversos grupos sociais.

Assim sendo, para que os processos de fortalecimento atendam às reais demandas de uma comunidade menos favorecida, é preciso que se leve em conta as características peculiares do local e as individualidades dos sujeitos.

2.2. RELAÇÕES ENTRE A EDUCAÇÃO CRÍTICA E OS PROCESSOS DE CONSCIENTIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO DOS SUJEITOS

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, a pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais. A esperança precisa ancorar-se na prática. (FREIRE, 1999, p.12).

De acordo com a proposta de educação crítica Freiriana, os processos de conscientização e emancipação desenvolvidos em comunidades precisam ancorar-se em valores que façam sentido para as pessoas do local e, principalmente, que tragam esperança e transformação para a comunidade como um todo. (MONTERO, 2003).

“Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética “ (FREIRE, 2004, p. 24).

Segundo o mesmo autor, “a educação é um ato político”, tendo em vista que esta se constrói por meio das relações sociais e pedagógicas (FREIRE, 1999, p.11). A consciência política é a capacidade crítica para agir na história, na busca dinâmica e permanente da sociedade ideal. Por isso, diz-se que esta vem a ser um ato de afeto que resulta do compromisso social e do respeito a si mesmo, ao outro e à vida, movido pelo sentimento de pertencimento ao planeta.

Torna-se necessário que se criem as oportunidades para que os indivíduos venham a desenvolver suas potencialidades como: “acesso à produção, ao consumo, aos meios de produzir cultura, ciência, arte”, pressupõe também a existência de mecanismos de comunicação, de informação, de participação e de “influência nos destinos coletivos que assegura água e ar limpos, hígidez ambiental, alimentos saudáveis e a disponibilidade de espaços naturais, bem como a preservação dos ecossistemas” (LOUREIRO, 2002, p. 72).

Acredita-se na importância de que a sociedade se empenhe em estimular uma participação crítica e ativa, cobrando dos órgãos e serviços públicos, que os recursos e as políticas públicas se voltem em benefício, também das famílias em

situação de risco, especialmente as que têm crianças em fase escolar e de desenvolvimento.

A educação visa à formação e promoção do processo intelectual e moral do ser humano, com vistas a integrá-lo individual e socialmente em seu ambiente de origem. Diante da compreensão da importância da aquisição de novas informações são possíveis as construções de conhecimentos que facilitem a expressão das potencialidades individuais dos sujeitos, a fim de que estes se tornem ativos e participativos na construção da sua cidadania, (DIAS, 2000, p.83).

Para que seja possível uma transformação bio-psico-socioambiental, com vistas à melhoria da sociedade como um todo, e, ainda, para que esta atinja as comunidades desprivilegiadas, a educação precisará ser vista como fundamental e necessária nesse processo.

As propostas educativas que visam promover a valorização do saber do indivíduo, instrumentalizam-no para a transformação de si mesmos e da realidade em que vivem. Estas são características educativas em concordância com os princípios que promovem a saúde integral dos indivíduos e “convergem para uma sociedade mais democrática em prol do desenvolvimento das potencialidades do ser humano” (FREIRE, 1979, p 23).

É preciso colocar objetivos na prática educativa (...) Se a Educação quer realmente transformar a realidade não basta intervir nas mudanças dos comportamentos sem intervir nas condições do mundo em que as pessoas habitam... Neste sentido, podemos redefinir a prática educativa juntamente com outras práticas sociais, está implicada no fazer histórico... Produtora de saberes, valores, constitutiva da esfera pública e da política, onde se exerce a ação humana (LIMA, 2002, p.135-136).

A partir dos trabalhos educativos de Paulo Freire, nos anos 50 e 60, houve uma maior conscientização por parte das populações menos favorecidas. Vários profissionais começaram a desenvolver, e a engajarem-se também em trabalhos nas comunidades, com vistas a promover relações de emancipação e fortalecimento da auto-estima.

Assim sendo, devem ser incentivadas metodologias que reconheçam o aluno como agente ativo e criativo na construção do conhecimento. É necessário entender que “os indivíduos constroem novos conhecimentos por meio das conexões estabelecidas entre seus conhecimentos anteriores, suas curiosidades,

seus questionamentos, suas interações com o outro, em desafios e investigações”. (CASTRO, 2002, p. 105).

Segundo Demo (2001.p. 37), “a aprendizagem é um fenômeno reconstrutivo político”. Por isso, a educação eficaz deverá levar em conta o contexto sócio histórico e político do sujeito e as suas motivações, trazendo o aprendizado para a realidade do seu cotidiano. “Educar é levar o outro, a saber, pensar, argumentar com autonomia e evoluir na habilidade de aprender a aprender” (FREIRE, 1979, p. 24).

Diante da realidade de uma época de intensas transformações sociais, e necessário que se busquem alternativas capazes de contribuir com a formação de indivíduos autônomos, com competência para exercerem a cidadania participativa, cujo grande desafio será que se proporcionem as condições para que essa autonomia e emancipação ocorra, a fim de que estes sujeitos “se sintam responsáveis pela suas próprias vidas, e com subsídios internos e externos para gerenciar essa situação”, (GADOTI, 2000, p. 80).

Para Freire (2004, p.24), “quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética”. Acredita-se que abordagens educativas que levem em conta os outros poderão facilitar os meios para que crianças, adolescentes, jovens e adultos que se encontram em situação de risco pessoal e social, venham a ser indivíduos que tenham condições de “escolher, participar, refletir sobre o mundo e as suas próprias histórias”. (FREITAS, 1996, p.71).

Quanto as propostas de trabalhos em comunidade, a Psicologia Social Comunitária tem-se destacado com um olhar diferenciado, que aponta caminhos para que a própria comunidade busque formas na vida concreta dos moradores, que lhes permita por meio de consciência crítica, lutar por possibilidades reais de saúde, moradia, alimentação, estudo e trabalho. (FREITAS,1999; LANE, 1996; MONTERO, 2000)

Este enfoque da Psicologia Social Comunitária se dedica a estudar o sistema de relações e representações sociais que ocorrem nas comunidades, os níveis de consciência, identificação e pertença dos sujeitos aos grupos.

Ela procura “facilitar o desenvolvimento da consciência dos moradores como indivíduos inseridos em sua historia, pertencentes a uma determinada comunidade”, por meio de um enfoque interdisciplinar, ou seja, visa meios para transformar o

indivíduo em sujeito (LANE, 1996, p.25). Constitui-se uma “*práxis* científica a serviço das transformações sociais, e das reivindicações quanto às melhorias da qualidade da vida atual das populações menos favorecidas” (FREITAS, 1998, p.5).

De acordo com esta autora, mesmo os trabalhos iminentemente de pesquisa, devem levar em conta os “modos de pensar e agir da população” (id, p.6); é importante que se compreendam as ideologias que estão presentes no cotidiano dessas pessoas.

Levar-se em conta o modo de ser de uma determinada comunidade, é o que faz com que as pessoas dela pertencentes vislumbrem, ou não, as possibilidades de mudarem as suas vidas. “Essas mudanças só poderão ser viáveis se não representarem uma ameaça à sua convivência, sociabilidade e emoção” (FREITAS, 1998, p. 3),

O enfoque teórico deste trabalho possui ênfase nos aspectos psicológicos coletivos, sendo “influenciado pelo modelo da Psicologia da Libertação, que instiga que os indivíduos desenvolvam a capacidade de pensar de forma crítica diante de situações de opressão” (MONTERO, 2000, p.70). Nessa perspectiva, o ser humano reflete e faz críticas, mesmo nas situações mais difíceis, fato que torna o relato da população-alvo, extremamente importante durante todo o processo de pesquisa.

A cidadania plena depende de uma postura de vida no dia a dia, no contexto familiar e social, nas vivências estabelecidas com seu semelhante, no compartilhar de sentimentos e solidariedade.

Acredita-se também que, uma prática educativa poderá ser efetiva, quando vise fornecer aos homens e as mulheres elementos que lhes possibilitem crescer, resgatar sua identidade e dignidade, mobilizando-se na busca da cidadania plena.

De acordo com as reflexões teóricas vistas até aqui, a Psicologia Social Comunitária visa “conhecer o indivíduo no conjunto das suas relações sociais, tanto no que lhe é específico como no que nele é manifestação do grupal, considerando-o sujeito da história e transformador da sua própria vida e da sua sociedade” (LANE, 1997, p.19).

É desejável que todas as formas de conhecimento contemplem as inter-relações do meio ambiente natural com o social, nesse sentido, inclui-se o papel dos diversos atores envolvidos nas comunidades e as diversas formas de organização social que adotam.

Segundo Martin-Baró (1995, p. 183), “quando se deixa de lado o contexto laboral o indivíduo, a interação humana fica abstraída de suas raízes imediatas e da sua forma social concreta”. Por isso, é de suma importância que se encare o trabalho como sendo a atividade humana que irá definir a sua existência histórica e condição de sobrevivência digna e imediata. Em síntese, o trabalho é uma das formas de se ter dignidade e autonomia numa sociedade capitalista.

A vontade individual não fica excluída, mas é parte integrante do processo de emancipação e aparece quando se considera a singularidade da experiência de cada ser humano socialmente situado. Ou seja, sua existência não fica reduzida à questão individual, nem às determinações sociais, políticas ou econômicas.

Assim sendo, a própria vontade do sujeito se forja nas relações, coletivamente. Nesse sentido, a força e o estímulo que a reação do outro sujeito produz é uma construção coletiva e positiva.

Espera-se que as comunidades adotem uma nova perspectiva de vida que priorize o desenvolvimento, mas ao mesmo tempo se preocupe com a sustentabilidade sócio ambiental. Indivíduos que, agindo em prol da comunidade, cuidem do seu entorno e de suas próprias vidas com coerência e responsabilidade.

“Os renegados não precisam de nossa “mornidade”, mas de nosso calor, de nossa solidariedade e de nosso amor também, mas de um amor sem manha, sem cavilações, sem pieguismo” (FREIRE, 1999, p.153).

Diante do desafio de se compreender a dinâmica do funcionamento psicossocial e coletivo das pessoas que vivem em condição de extrema pobreza na periferia das grandes cidades, foram feitas algumas reflexões baseadas nos autores referenciados neste estudo.

Segundo Lane (1995, p.62) “inúmeros estudos apontam para a natureza social e o caráter comunicativo das emoções desenvolvidas socialmente”. Nessa direção, cabe perguntar de que forma alguns envolvimento sociais interferem na vida e nas emoções das comunidades desprivilegiadas economicamente?. Pode-se citar: a religião, as artes, a política, a família ,e principalmente, os meios de comunicação em massa (TV e rádio). Estes são estímulos que enviam mensagens diariamente, e talvez sejam fatores que possam vir a influenciar sobre as decisões dessas pessoas que vivem em comunidades de menor renda.

Tratando-se de comunicação e interação social, indivíduos que assistem programas de TV e rádio sem estabelecer uma crítica diante do que vêem ou

ouvem, representam o que se denomina de público. Estas pessoas “são multidões sem contigüidade física, ou seja, pessoas espalhadas num grande espaço geográfico, unidas por uma estação de rádio ou um canal de TV” (GUARESCHI (2005, p.88)e que, facilmente, poderão sofrer a influência e a manipulação dos meios de comunicação de massa,

Lane (1995, p. 63) assegura que, se as mensagens, veiculadas pela ideologia dominante não são refletidas e decodificadas pela linguagem, poderão constituir-se em “fragmentos da verdade e virem a inibir a consciência ao dar falsos significados às atividades desenvolvidas”, fato que poderá levar à estagnação do sujeito.

Sabe-se, entretanto, que no contexto de ideologias dominantes da sociedade capitalista, a sua função é mascarar as contradições sociais e justificar a pressão e a exploração das pessoas como algo natural e necessário. “Entretanto, esta dinâmica visa unicamente manter as relações de poder” (id, 1995, p. 63). De acordo com a autora referenciada, “se esta situação não for identificada e tratada, poderá levar as pessoas envolvidas a uma condição de *stress* e alienação social e mental”.

Para Guareschi (2005), em contextos sociais onde os indivíduos são consciente ou inconscientemente manipulados, as pessoas podem apresentar consciência, afetividade e solidariedade mediadas não só pela linguagem e pensamento, mas por afetos e emoções contraditórias entre o que sentem e o que desejariam sentir. Minuchin (1999) considera que, tratando-se de comunidades de menor renda, oriundas da periferia das grandes cidades, é comum encontrar-se pessoas que vivem em condições abaixo da linha da pobreza, sem emprego, sem dignidade, vivendo em ambiente desfavorável e muitas vezes, sendo taxadas de preguiçosas.

Esses indivíduos desprivilegiados, muitas vezes se encontram fragilizados frente ao próprio sofrimento, e algumas pessoas apresentam, possivelmente como defesa, uma condição geral de apatia e torpor. (MINUCHIN, 1999, p. 203).

São sujeitos que, por vivenciarem durante muito tempo uma “condição precária em relação a bens e serviços como habitação, alimentação, educação, emprego, saúde e lazer” podem assimilar, equivocadamente, que a luta e o enfrentamento são processos infrutíferos e de sofrimento vindo a relacionarem-se na sociedade, com atitudes de desesperança, frustração e agressão (id,1999, p. 204).

É importante que as pesquisas psicossociais identifiquem as necessidades e sofrimentos das comunidades menos favorecidas. Entretanto, se ficarem somente na etapa de identificar a realidade vivenciada, podem repetir o modelo de estagnação e torpor das comunidades que contemplam somente suas situações de degradação e sofrimento.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir na compreensão de que as pessoas economicamente menos favorecidas também têm sonhos e projetos, que podem agir além das necessidades básicas de alimentação, e que não são somente os sujeitos economicamente mais favorecidos, são os que detêm o conhecimento do que é melhor para as comunidades menos favorecidas.

Acredita-se que a realidade das comunidades menos favorecidas precisa ser cada vez mais mostrada nos meios científicos, e discutidas nas próprias comunidades e é importante que se encontrem caminhos para que as populações desprivilegiadas venham a discutir suas vidas e a assumam responsabilidades na construção e defesa dos seus direitos e deveres de cidadãos.

É importante compreender como as comunidades de menor renda desenvolvem o sentimento de pertencimento ao local em que vivem resistindo às ideologias excludentes e de exploração das classes dominantes. "Solo se habla de práctica de clase cuando la praxis o actividad intencional de una persona expresa, concretiza y promueve los intereses de la clase social a la que objetivamente pertenece" (MARTIN-BARÓ, 1983, p.81).

Também é importante que as pessoas que vivem em comunidades desprivilegiadas adquiram novas habilidades que lhes permitam serem inseridas no mercado informal de trabalho, e dessa forma, vislumbrem possibilidades de aumentar suas rendas e conseqüente melhoria da qualidade de vida de suas famílias. (RIZZINI, 2006).

Confirmando esse referencial teórico, Martin-Baró (1983) afirma que o fato do indivíduo ter consciência do pertencimento a um determinado grupo, irá determinar o que ele é e faz, ou seja, essa influência psíquica irá ocorrer na medida em que o indivíduo reconheça que existem outras classes sociais, mas que ele pertence a uma determinada classe. Para o autor, esse fato é determinante para que o sujeito adote uma determinada conduta social, dependendo do grupo em que se encontre.

Pode-se perceber que, dependendo da pessoa, o fato de ter ou não emprego, sua distribuição de renda e a forma como vive, são situações que poderão, ou não,

afetar as oportunidades de desenvolvimento que esse sujeito possa ter na sociedade onde vive.

De acordo com o que está sendo exposto, percebe-se que no dia a dia das pessoas, as interações ocorrem entre os grupos com as mesmas condições sociais, por isso, dependendo de sua condição, normalmente será sua ocupação na sociedade. A “diferença essencial entre os diferentes enfoques e abordagens não são o impacto da classe social sobre o indivíduo, mas como esse indivíduo se relaciona com o produto dessa interação” (MARTIN-BARÓ, 1983, p.92).

O referido autor também cita Paulo Freire para afirmar que a proposta de conscientização do modelo pedagógico era uma forma de proporcionar a desalienação das pessoas e promover mudanças sociais no meio onde viviam. Nesse aspecto, o método de alfabetização de Paulo Freire foi um meio para liberar os adultos das classes menos favorecidas da opressão em que se encontravam, tornando-os conscientes, não só de sua classe social, mas das inúmeras possibilidades que se vislumbravam quando o sujeito se sentia livre para escolher. Entretanto, sabe-se que essas ações emancipatórias envolvem questões políticas, sociais, econômicas, psicológicas e ambientais.

De acordo com experiências de alguns pesquisadores junto às comunidades desprivilegiadas, contidas na bibliografia deste trabalho, observa-se que as ações desenvolvidas, especialmente os projetos de pesquisa-ação, estavam direcionadas à convivência, interação e comunicação proporcionando, dessa forma, existência social e individual às pessoas implicadas.

Para MARTIN-BARÓ (1983), a trajetória da alienação para a conscientização visa proporcionar uma consciência de classe que promova os interesses da comunidade. Para isso, são importantes que se desenvolvam atividades organizadas e grupais nas comunidades desprivilegiadas da periferia, a fim de facilitar que ocorram as transformações sociais necessárias.

Para se conhecer um pouco mais a realidade de vida das pessoas que vivem em locais menos privilegiados de Curitiba, esta pesquisa foi desenvolvida em duas vilas da periferia, visando conhecer a maneira como viviam os moradores do local, e quais os processos psicossociais que eram importantes para permanecerem lá.

III. A METODOLOGIA EMPREGADA

3. ALGUNS CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa qualitativa, empregando entrevistas realizadas junto aos moradores de duas vilas pobres num bairro de Curitiba. “A pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em suas particularidades temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (FLICK, 2004, p. 28)

Para o seu desenvolvimento, fez-se uso dos seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevista semi - estruturada prévia, diário de campo e entrevista semi-estruturada aplicada junto à população alvo.

Num primeiro momento, foi elaborado o termo de consentimento, (APÊNDICE 1) e um roteiro de entrevistas com 12 questões semi-abertas, (APÊNDICE 2). Entretanto, devido à reformulação do problema de pesquisa, gerada por motivo de mudança de orientação, este instrumento não foi mais utilizado. Após a referida mudança de orientação, foram definidos novos critérios para a elaboração e aplicação de novo instrumento. Este passou a ser um roteiro de entrevistas com 36 questões semi-abertas que foi aplicado a 30 moradores, residentes próximos ao rio, ao lixão clandestino e às vias rápidas, locais que serviram como critérios para a seleção desta amostra (APÊNDICE 3). Este instrumento foi testado, corrigido e alterado algumas vezes antes de ter sido aplicado na entrevista piloto. Após alguns ajustes, foi aplicado a todos os moradores participantes da pesquisa.

Definiu-se que as entrevistas seriam feitas junto aos moradores residentes em duas vilas pré-selecionadas que ficam próximas à margem de um rio, anteriormente desviado do seu curso normal, dividindo a comunidade em duas vilas distintas e independentes (IPPUC-2000 -2005).

Quanto ao critério para a escolha do local e dos sujeitos participantes da pesquisa, estes se deram em função do conhecimento desta pesquisadora de um projeto social existente numa das igrejas do local e da sua liderança. Os líderes informaram que se tratava de um bairro pobre, com muitas demandas sociais e ambientais.

No início da pesquisa, o tempo que esta pesquisadora permaneceu nas duas vilas, foram seis (6) finais de semana, (sábados e domingos), somente na parte da

tarde, período em que participou de eventos, reuniões e da aplicação das 12 entrevistas.

Durante a fase da aplicação das entrevistas finais, a permanência foi de quatro (4) finais de semana, aos sábados e domingos, por quatro horas, em média, na parte da manhã e quatro horas no período da tarde. A visita às casas localizadas nos locais pré-definidos das duas vilas, a fim de realizar as 30 entrevistas com os moradores tiveram, em média, uma hora de duração.

Quanto ao procedimento para a realização das 30 entrevistas: todas foram realizadas nas respectivas casas dos moradores, com seu prévio consentimento. Antes de começar a entrevista, a pessoa era informada do que se tratava, através de explicação de que era uma pesquisa para o Curso de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná, que tinha como objetivo conhecer como vivem, se relacionam as pessoas da vila e quais suas principais necessidades. As pessoas também recebiam o termo de consentimento e a informação que não eram obrigadas a responder, assim como o fato de que suas informações seriam publicadas, mantendo-se o anonimato: eles não seriam identificados, portanto.

As entrevistas nas casas foram feitas nos locais escolhidos pelo(a) morador(a): algumas vezes na sala, outras na cozinha e até mesmo no pátio, sentados em bancos improvisados ou em cadeiras. Duravam, em média, uma hora devido ao fato das pessoas entrevistadas permanecerem por algum tempo conversando informalmente. Algumas vezes, esta pesquisadora recusou com delicadeza, os lanches que eram oferecidos durante as entrevistas.

Quando terminava a última casa do dia, os representantes da vila acompanhavam a pesquisadora, mesmo não estando juntos nas entrevistas às casas, aguardando próximo da residência. Este fato demonstrou que, durante todo o período em que se esteve realizando a pesquisa, nas duas vilas, houve boa receptividade, tanto pelos moradores das casas, quanto pelos representantes das duas vilas. Algumas vezes, durante o trajeto até as casas programadas para as entrevistas, algumas pessoas se aproximavam da pesquisadora, normalmente crianças, e perguntavam o que estava fazendo na vila. Uma das crianças perguntou se era da polícia. Explicava-se que se tratava de uma aluna da Universidade Federal que estava realizando uma pesquisa para conhecer um pouco mais de como vivem e se relacionam os moradores do local e quais eram as suas principais necessidades.

As doze (12) entrevistas semi-estruturadas (APÊNDICE 2) objetivaram conhecer a comunidade e averiguar junto às pessoas adultas e adolescentes, quais os problemas mais emergentes enfrentadas no cotidiano, referente ao local onde residem e que as soluções que apontariam para a sua resolução. Nessas entrevistas foi possível identificar alguns dos moradores mais antigos do bairro. Entretanto, como acontecem problemas metodológicos, os dados não foram considerados, servindo apenas para um breve contato e conhecimento.

Algumas das doze (12) entrevistas foram aplicadas por esta pesquisadora durante um evento da Fundação de Ação Social – FAZ. A população-alvo era alguns moradores do bairro que aguardavam seus filhos enquanto eles participavam de algumas atividades. Após essa etapa e as diversas análises e discussões de âmbito metodológico, elaborou-se o instrumento da entrevista semi-estruturada, de acordo com os objetivos da pesquisa.

O Termo de Consentimento (APÊNDICE 1) foi apresentado e assinado pelos representantes da comunidade, com o objetivo de que os líderes ficassem cientes do que se tratava: uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós – Graduação da Universidade Federal do Paraná. Os líderes também foram informados de que as pessoas que participassem da entrevista não seriam identificadas, apenas as informações fornecidas seriam publicadas, resguardando-se o anonimato dos respondentes.

Os representantes da comunidade se dispuseram a conversar com moradores, caso houvesse dúvidas referentes aos objetivos da pesquisa e ao anonimato das pessoas.

Foram escolhidos 30 entrevistados dentre os moradores mais antigos da vila, identificados no questionário-piloto.

Antes de iniciar-se o processo de entrevistas na comunidade, aplicou-se questionário-piloto em duas pessoas de um bairro distante das duas vilas, a fim de testar o instrumento. Após sua aplicação, percebeu-se a necessidade de se fazerem pequenos ajustes nas perguntas para torná-las mais claras aos entrevistados, aprimorando o instrumento de coleta.

De acordo com informações dos líderes comunitários das duas vilas, informações estas contidas no diário de campo, a característica atual do bairro em questão é de uma região com população diversificada; há pessoas que chegam nas vilas, oriundas das mais diversas regiões do País. Este fato fez com que

aumentassem os números de casos de delinquência e de violência, no local. A partir disso, a vila tornou-se um local de risco, principalmente para as pessoas que não vivem nesse ambiente.

Por esta razão, durante certa reunião realizada na Associação de Moradores, durante num encontro no qual estavam presentes: esta pesquisadora e os líderes do bairro, estes se prontificaram a acompanhá-la durante o tempo em que esteve desenvolvendo a pesquisa, nas duas vilas.

Antes de ir a campo para realizar as entrevistas, esta pesquisadora deveria entrar em contato com os representantes da comunidade a fim de combinar, antecipadamente: o horário em que estaria na vila, assim como informar os locais (próximo ao rio, às vias rápidas ou ao lixão) e as casas que seriam visitadas.

O percurso na vila foi feito a pé, sempre com o acompanhamento de um dos representantes da comunidade; uma única vez, a presidente do Clube de Mães participou da entrevista em uma das casas e, por vontade própria, preferiu conversar com algum morador da casa ao lado ou com algum integrante da própria família da pessoa entrevistada.

Algumas vezes, os líderes somente precisaram acompanhar a pesquisadora até a entrada da vila, apresentá-la ao primeiro morador e este morador, após dar seu depoimento, acompanhava até a próxima casa; assim, sucessivamente, até o final das entrevistas programadas para aquele dia. Ao final, um dos líderes acompanhava até o ponto de ônibus. Percebeu-se que houve uma boa receptividade, por parte dos moradores, para a realização das 30 entrevistas; as pessoas recebiam esta pesquisadora no portão, ou na porta da casa, cumprimentavam-na com aperto de mão e, raras vezes, alguém da casa não a cumprimentava, independente das pessoas viverem em casas de madeira, alvenaria ou casebres mais simples. Todos os contatos feitos na comunidade foram favoráveis, desde os representantes da comunidade até os respondentes da pesquisa, ficou evidenciada também a colaboração dos moradores que, durante um período de mais de uma hora, ficaram disponíveis para responder as questões da entrevista.

Após análise das entrevistas, alguns eixos "rotas" apareceram. Alguns deles:

a) Os problemas sócio-ambientais, como higiene, saúde e segurança, destacando-se: "lixo", "lixo nos rios", "esgoto a céu aberto" "roedores, baratas e

pernilongos provenientes de depósito de lixo reciclável”, “mato”, “doença das crianças – bronquite”, “tiros na vila” “risco de bala perdida”.

b) Responsabilidade destes problemas atribuídos aos próprios moradores.

c) Necessidade de informações e conscientização como um modo de melhorar os problemas expressos em respostas como: “manter os esgotos limpos”, “informações para separar o lixo”, “informações para depósito do lixo longe das casas”, “reciclagem”, “parques, creche, plantio de árvores”.

Ainda procurando conhecer um pouco mais da realidade da comunidade pesquisada, esta pesquisadora acompanhou, enquanto observadora, a entrevista gravada em vídeo na TV Comunitária. A entrevista foi feita com os presidentes das duas Associações e com a representante do Clube de Mães. Foram relatados e discutidos os maiores problemas que enfrentam as duas vilas, de acordo com a visão dos respectivos representantes da comunidade. Relataram a necessidade de conscientização quanto aos problemas de higiene e ambientais, a necessidade de programas de alfabetização para adultos, mais segurança na vila e oportunidades de trabalho para as famílias.

Posteriormente, foram definidos novos critérios para a elaboração e aplicação da entrevista.

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que visam identificar as palavras-chave de uma determinada comunicação, as quais, reunidas em categorias, vão explicar o conteúdo da pesquisa.

A análise levou em conta os seguintes procedimentos:

- a) Leitura de todas as respostas dos entrevistados
- b) Colocação, por ordem das respostas, de todos os sujeitos e agrupamento das respostas similares.
- c) Quantificação das respostas similares.
- d) Sistematização e organização dos dados das respostas e quantificação final do total, por eixos temáticos.
- e) Análise dos dados sistematizados, a fim de estabelecer relações com os objetivos do estudo e a fundamentação teórica.

A pesquisa desenvolvida na comunidade das duas vilas, com a realização das 30 entrevistas, buscando levantar os principais problemas, visou contribuir também para o encontro de possibilidades e alternativas para os problemas do seu dia a dia.

IV. RESULTADOS

4.1. CONHECENDO AS VILAS

“O fenômeno da urbanização e o processo de “periferização” das cidades, mais significativos a partir do último quartel do século passado, devem também ser considerados na análise sobre as repercussões psicossociais na rede de relações que as pessoas estabelecem em seus locais de existência” (FREITAS, 2005, p. 48)

A área a ser estudada compreende uma região urbana de Curitiba, localizada num bairro paralelo a grandes centros comerciais e condomínios de luxo, onde, se encontram duas vilas¹ pobres, em lotes com situação irregular. De acordo com relatos da presidente do Clube de Mães e do presidente de uma das Associações de Moradores, contidos no diário de campo, a condição de serem duas vilas, ocorreu após o desvio do rio e a decisão de se ter duas Associações de Moradores em 2004. Anteriormente, o local era composto de uma única vila.

Através das informações dos moradores, havia dois líderes comunitários no local; a partir da divisão das vilas, elegeram-se, então, dois. No começo, manteve-se a mesma sede da Associação de Moradores; entretanto, as dificuldades em conciliar as agendas dos dois representantes para a realização dos encontros com a comunidade e os conflitos gerados entre eles resultou na separação das sedes.

Segundo Rodrigues (2003), através de pesquisa efetuada no Instituto Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba e por meio de entrevistas e consultas via *internet*, soube-se que, no início, essa região onde vive a população alvo, teria feito parte de um projeto de urbanização para a construção de casas populares para os trabalhadores da CIC - Cidade Industrial de Curitiba, bairro de Curitiba onde se concentra o maior número de indústrias. Porém, antes de ser implantado o projeto, houve uma “especulação” imobiliária do local, fato que elevou o valor dos terrenos da região e inviabilizando o projeto inicial. Ainda, de acordo com os dados do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba - IPPUC, essa é uma área de 21.271 m²; com 162 domicílios; 8 comércios; 1 indústria e duas escolas (1 estadual e 1 municipal).

¹ Povoação de categoria ente a aldeia e a cidade, Bueno, F da S. **Minidicionário da Língua Portuguesa** – São Paulo: FTD:LISA,1996. Aglomeração de casas.

Esta região encontra-se próxima a um rio e apresenta, no seu entorno, uma grande área arborizada com vegetação nas encostas, com algumas casas construídas às margens desse rio. Com o tempo, outras casas foram loteando os terrenos irregulares da vila e se localizando, em sua maioria, em ruas sem pavimento; atualmente, são poucas as casas construídas em ruas pavimentadas.

Duas grandes vias rápidas cortam o bairro: uma, sentido bairro-centro e outra via de cruzamento dos ônibus expressos. Uma das vilas fica cortada pela via rápida que passa em cima de uma ponte na qual alguns andarilhos muitas vezes se abrigam embaixo. (Figura 6).

De acordo com observações feitas por esta pesquisadora durante visita ao local onde se encontram as duas vilas, ao lado da ponte encontra-se um grande lixão de materiais recicláveis. As informações dos moradores e dos representantes das associações, contidas no diário de campo, relataram que esse lixão era clandestino e estava sendo explorado por um dos moradores do local.

O entorno do lixão se apresenta rodeado por residências que, na sua maioria, se compõem de casas de madeiras e barracos sem as condições básicas de saneamento. Sabe-se que estas terras caracterizam-se como lotes em risco de desapropriação.

A caracterização da população do bairro, de acordo com os dados de 2000/2005 do IPPUC², apontou os seguintes resultados:

História do Bairro: A denominação do bairro é “resultado da combinação de dois fatos históricos distintos que o tempo se encarregou de relacionar” (IPPUC, 2004). Por um lado, retrata o aspecto geográfico da região de onde se estendia uma bonita planície coberta pela vegetação rasteira. A segunda parte do nome vem de um imigrante português que aqui chegou, no início do século XIX. Esse colono, proprietário de grande extensão de terras, dividiu-as em pequenos sítios que foram vendidos a várias famílias, dando origem ao atual bairro.

A comunidade que foi estudada vivia próxima a um rio que, desviado do seu curso natural, dividiu a vila em dois lados. Eram especificamente 120 famílias, conforme o cadastro das duas Associações de Moradores e por meio dos relatos dos dois dirigentes das Associações e de alguns moradores da vila. Através do

² Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba- IPPUC

relato informal da maioria das pessoas entrevistadas, estas relataram que ainda se sentiam como sendo moradores de uma única vila.

a) Algumas observações:

Através das observações desenvolvidas nas duas vilas, percebeu-se que grande parte da população-alvo veio de outros estados ou do interior do Paraná; as pessoas que são naturais de Curitiba são os adultos jovens ou filhos de pessoas que viviam ou vivem na região. Estas pessoas, na sua grande maioria, valorizavam o lugar em que viviam e demonstravam interesse em melhorar sua condição de vida cotidiana. Para isso, se dispunham a fazer cursos que eram oferecidos pela Fundação de Ação Social – FAS da Prefeitura de Curitiba e por Organizações não Governamentais – ONGs, com o intuito desenvolverem habilidades que lhes permitissem vender e ter renda.

A moradia: casas de madeira, com peças pequenas, algumas construídas à beira do rio, outras perto de um lixão. Grande parte das casas de alvenaria estava localizada frente à via expressa.

Em várias casas não havia água encanada nem rede de esgoto; o nível de higiene, em algumas destas, casas era precário, provavelmente, em função da falta de saneamento básico. Este fato pode ter sido ocasionado, talvez, por ser esta uma região de invasão e não ter despertado o interesse por parte dos órgãos governamentais para melhorias no local.

Quanto às dificuldades de grande parte dos moradores: tratavam-se de questões relacionadas às condições de moradia e infra-estrutura da vila. Muitos moradores atribuíram ao governo a solução para essas dificuldades e poucos acreditavam que a comunidade também devia se aplicar às soluções desses problemas.

Outras questões que também foram levantadas: a situação de risco para os adolescentes e jovens na vila, com a existência de questões relacionadas a drogas e delinquência. A solução para este problema, de acordo com alguns moradores, seria a capacitação oferecida aos pais para que estes saibam lidar melhor com seus filhos, também de que a Prefeitura oferecesse alguma possibilidade de cursos e emprego para os adolescentes e jovens.

Apareceram nos relatos, preocupações com a saúde: algumas pessoas questionavam os atendimentos dos Postos de Saúde, comentando que muitas vezes eram atendidos, mas não tinham condições de comprar os remédios indicados pelos médicos. A solução para este problema, de acordo com vários moradores, era que a Secretaria da Saúde facilitasse o acesso aos remédios.

Ainda houve relatos referentes à falta de segurança na vila: citaram-se questões como tiroteios à noite e balas perdidas que aparecem, depois, através dos sinais deixados nas casas. Alguns furtos e homicídios praticados por algumas pessoas que, de acordo com os moradores, vieram morar na vila nos últimos anos e/ou por jovens que, sob uso de substância psicoativas cometem vários delitos.

O lazer: grande parte dos moradores usufruía das opções existentes nas imediações do local onde viviam. Por se tratar de uma região com parque, *shopping* e mercado próximo, muitos moradores relataram que nos finais de semana ou ficam descansando em suas casas ou vão ao mercado. Alguns relataram que vão ao parque; poucos deles ao *shopping*. Percebeu-se também uma rede de relacionamento entre os moradores, fato que permitia que estes se visitassem entre si e, algumas vezes, fossem juntos a lugares como igreja e casas de parentes.

A maioria dos projetos de vida destas pessoas estava relacionada as questões que dependiam deles mesmos como, cursos, estudo e empreendedorismo, ou seja, havia uma compreensão da necessidade de se aprimorarem para conseguir um emprego melhor. Poucos respondentes relataram a necessidade imediata de um emprego registrado, outros pensavam na melhoria da moradia, da saúde; uma minoria dos entrevistados, pensava em adquirir bens materiais; outros pensavam em mudarem de cidade ou viver mais meia dúzia de anos, ou simplesmente, relataram não terem projetos de vida.

Para se chegar a esses dados, inicialmente, foi feito um primeiro contato, intermediado por uma pessoa da igreja local, com uma moradora antiga do bairro que se dispôs a acompanhar esta pesquisadora, num primeiro momento, até ser apresentada para as lideranças do bairro.

Antes do início da aplicação dos instrumentos, a pesquisadora esteve na vila, acompanhada pelos líderes comunitários, em alguns eventos realizados na comunidade, tais quais: reuniões na associação de moradores e entrevistas cedidas pelos líderes na TV Comunitária.

Esta participação aconteceu na condição de visitante, com a finalidade tanto de conhecer os diferentes atores sociais como também de estabelecimento de vínculo com a comunidade.

Naquela ocasião e de acordo com o relato dos moradores, contidos no diário de campo (apêndice 4), essas pessoas que ainda permaneciam com suas casas no referido local, contaram que antes da desapropriação, residiam aproximadamente 30 famílias nesse local, sendo que permaneceram apenas cinco (5) casas na região. Este fato ocorreu em função da construção de um grande centro comercial, projetado ao lado da vila e construído em 2004. Os moradores relataram que naquela época, as famílias que tiveram suas casas desapropriadas, receberam ajuda financeira e foram transferidas para outros locais

Situações similares vivem, atualmente, os moradores das vilas em questão, residem em lotes de invasão, sujeitos à desapropriação, e, de acordo com os relatos de alguns moradores, parece haver interesses na desapropriação desses lotes.

Durante as visitas às duas vilas, fizeram-se várias anotações dos relatos dos moradores, constatando-se que alguns deles residem há mais de 40 anos nesse local; outros construíram casas de alvenaria em seus lotes e reformaram várias vezes seus barracos.

4.2. RELATOS DA VIDA NA COMUNIDADE

Das 120 famílias que vivem no local, foram visitadas 30 casas onde se fez a entrevista com os (as) chefes de família. Verificou-se que, das 30 entrevistas feitas:

a) Dezesesseis (16) pessoas vieram do interior do estado do Paraná; oito (8) pessoas vieram de outros estados e sete (7) pessoas eram naturais de Curitiba.

b) Vinte e duas pessoas (22), ou seja, (73,33%) eram do sexo feminino e oito (8) pessoas (26,67%) eram do sexo masculino.

c) Referente ao estado civil da população entrevistada: doze (12) pessoas eram casadas, cinco (5) amigadas³, quatro (4) solteiras, duas (2) separadas, quatro (4) eram divorciadas e três (3) eram viúvas.

d) Vinte e sete (27) pessoas possuíam filhos e três (3) não.

³ Amigada/o: amancebado; casado sem papeis ou formalidades - Bueno, F da S. **Minidicionário da Língua Portuguesa** – São Paulo: FTD:LISA,1996.

e) Vinte (20) pessoas fizeram o primeiro grau incompleto; cinco (5) são analfabetas; três (3) concluíram o primeiro grau; uma (1) fez o segundo grau incompleto e uma (1) concluiu o segundo grau.

Nesse local de pesquisa, houve mudanças no nome da vila, depois que o curso do rio foi mudado, com isso, as casas foram separadas para antes e depois do rio.

Das entrevistas feitas: dezoito (18) pessoas (60%) residem na vila, antes do rio, onde não mudou o nome, e, as outras doze (12) pessoas (40%) se encontram no local da vila que mudou de nome.

Em relação ao tempo em que os moradores vivem no local foram:

- a) Uma (1) pessoa vive há 50 anos.
- b) Duas (2) pessoas vivem entre 31 a 40 anos.
- c) Dezesesseis (16) pessoas vivem entre 21 e 30 anos.
- d) Quatro (4) pessoas vivem de 11 a 20 anos.
- e) Sete (7) pessoas vivem de 1 a 10 anos.

Quanto ao tipo de trabalho que os entrevistados desenvolviam, observou-se que o maior número dos entrevistados se encontrava no trabalho informal: foram onze (11) pessoas (36,67%), desenvolvendo atividades chamadas de bicos pelos moradores (jardinagem e catador de material reciclável). Quatro (4) pessoas (13,33%) têm trabalho fixo registrado e igual percentual (13,33 %) não trabalham fora.

Das vinte e duas (22) mulheres entrevistadas, cinco (5) representando (22,73 %) são donas de casa, três (3), (10 %) trabalham registradas como frentista de posto, mensalistas e atendente de *shopping*, duas (2), (9,09%) estão aposentadas, seis (6) (27,27 %) são mensalistas e diaristas, e igual percentual (27,27 %) desenvolvem atividades no trabalho informal (catadoras de material reciclável, doceiras, salgadeiras e costureiras)

Quanto aos oito (8) homens entrevistados, cinco (62,50%) desenvolvem trabalho informal (catador de material reciclável, trabalhando como jardineiros, pedreiros); dois (2) (25%) estão aposentados, um (1), (12,5%) trabalha registrado e igual percentual (12,5%) trabalha como autônomo de cicleteiro (uma oficina para consertar bicicletas).

Dando continuidade aos resultados das entrevistas, constatou-se que, dezesseis (16) pessoas se encontram entre os moradores que estão residindo nas duas vilas entre 21 a 30 anos, representando (53,33%) dos entrevistados.

O número de filhos entre estes moradores com parceiro fixo, dezessete pessoas (17), totalizava 64 filhos e representava 67,37 % do total de 95 filhos, sendo mais da metade dos filhos dos outros sujeitos entrevistados. As pessoas viúvas, três (3), separadas duas (2) e divorciadas quatro (4) possuem vinte e sete (27) filhos 28,42% do número total de filhos, e, estas, permanecem vivendo com os seus filhos. Das quatro (4) pessoas solteiras, (13,33%) dos entrevistados, três (3) possuíam filhos, num número de quatro (4), (4,21%) do total de filhos da população entrevistada.

O Quadro 1 mostra que, no maior número das entrevistas, as pessoas trabalham de alguma maneira para colaborar no sustento da casa. Das 138 pessoas que residem nas respectivas residências dos entrevistados, são sustentadas por 75 pessoas, representando 54,35 % das pessoas que ajudam.

Nas casas onde vivem de uma a duas pessoas, há cinco relatos de que somente uma pessoa ajuda, e quatro relatos nos quais duas pessoas colaboram com o sustento; nas residências onde vivem de três a quatro pessoas, o maior número de relatos, cinco, é de que duas pessoas ajudam na casa; em residências onde vivem de cinco a seis pessoas, houve três relatos de que quatro pessoas ajudam com o sustento, e de que uma a três pessoas ajudam, houve dois relatos. Dos relatos que indicam somente duas pessoas ajudarem, foi onde ocorreu a maior frequência das respostas: 13 (43,33 %) do percentual de respondentes.

Em casos onde somente uma pessoa ajuda, observa-se que na maioria das casas há de um a quatro moradores.

QUADRO 1. NÚMERO DE PESSOAS QUE AJUDAM FINANCEIRAMENTE NA CASA

Nº DE MORADORES	1	2	3	4	5	+ 6	TOTAL
1 – 2	5	4	-	-	-	-	09
3 – 4	1	5	1	-	-	-	07
5 – 6	2	2	1	3	-	-	08
+6	-	2	-	1	2	1	06
TOTAL	8	13	2	4	2	1	30

Frente aos dados levantados constatou-se que:

- O maior número de pessoas entrevistadas, nove (9), (30 %) se encontrava na faixa etária entre 30 e 40 anos de idade. Esta faixa etária possui 28 filhos, representando 29,47 % do total de filhos que são 95.
- Os entrevistados mais jovens que se encontravam na faixa etária entre 18 e 30 de idade, foram três (3) e representavam 10 % dos entrevistados, responsáveis por 1,05 % do número de filhos.
- Doze (12) pessoas se encontravam na faixa etária entre 41 e 50 anos e 51 a 60 anos, representando 40 % dos entrevistados, com 43 filhos que representam 45,51 % do total de filhos.
- Destas pessoas, seis (6) se encontravam na faixa entre 61 a 80 anos de idade e possuíam 25 filhos que representam 25,53 % do total de filhos.

Em relação à pergunta do que os moradores gostariam de melhorar em suas casas, vinte (20) respostas (73,3 %) têm a ver com questões relacionadas à infraestrutura e a reformas das casas tais como “aumento de peças”, “construção de banheiro, colocação de lajotas e pinturas nas peças”, “encanamento, separar a casa das outras que são emendadas”, “aumentar um quarto, fazer outra casa, de material”. (vide Quadro 2)

Os motivos eram bem diversos, “consertar a casa para não cair” ou “para não ser comida pelos cupins”, “dar continuidade em pequenas reformas”. Percebeu-se que estas questões, trazidas pelos moradores, referia-se a questões de higiene e saúde uma vez que no local há roedores e lixo.

Os outros 10% das respostas citadas referiam-se às questões relacionadas a “água e luz”. Justificaram que tinham “conexões clandestinas, puxadas por parentes” e que “para lavar as roupas, precisavam ir na casa de vizinhos”; outros 3,33% das respostas mostravam o desejo de “melhorar a mobília e legalizar os lotes”, Destas 2 respostas 6,67 % delas, os sujeitos responderam não precisarem de nada.

QUADRO 2. ASPECTOS APONTADOS PELOS ENTREVISTADOS A SEREM MELHORADOS EM SUA CASA

O QUE FOI DITO	FREQUÊNCIA
REFORMAR	22
RELACIONAMENTO	1
AGUA E LUZ	3
MOBILIA	1
LEGALIZAR	1
NADA, NÃO PRECISA.	2

O Quadro 3, a seguir, relaciona-se a questões que dizem respeito ao significado e às razões que as pessoas entrevistadas atribuíram ao fato de viverem nesse local.

Percebeu-se que 20 entrevistados(as) (66,67 %) relataram que gostam de viver no local e descreveram a vila como sendo “um bom lugar, agradável, com árvores, canto do sabiá e de outros pássaros”.

Algumas pessoas que relataram terem vindo da “roça sofredora”, descreveram o lugar onde vivem atualmente, como “sendo o céu”; para alguns, o significado de viver na vila, “representa a própria vida”. Outras pessoas relataram que “se sentem bem no local porque não mexem com a vida de ninguém”, e assim, “é tranquilo de se viver nesse local”.

Outros descreveram a região como sendo “um lugar importante porque tem tudo o que se precisa próximo (mercados, postos de saúde, escolas, farmácia, Shopping Center e parque)”.

Algumas pessoas relataram, inclusive, que se sentem como se “tivessem morado a vida toda nesse local”, e outras, afirmaram que “vivem desde que nasceram na vila”, por isso, “não a vêem como sendo uma favela”.

Das 30 pessoas entrevistadas, oito (26,67%) citaram motivos relacionados ao estabelecimento de vínculos afetivos no local, tais como “viver ao lado de pessoas amigas”, “ser uma grande família”, “ter casado os filhos no local”, assim como “estar próximos de supermercados”. Cinco (16,67 %) dos entrevistados, relataram que vivem no local “porque construíram sua casa própria, mesmo sendo lote irregular”. Houve o relato de morador que não tinha casa própria, este definiu sua chegada na vila como “uma caída de pára-quadras”, porque “não tinha para onde ir e precisava acompanhar o cônjuge”, justificando que era porque “havia falido seu pequeno negócio” e, diante de “endividamentos”, foram “tentar outro negócio na vila” (alfaiate).

QUADRO 3. ASPECTOS POSITIVOS APONTADOS PARA VIVER NA VILA

ASPECTOS	FREQUÊNCIA
INFRAESTRUTURA DO BAIRRO	28
RELACIONAMENTO HUMANO	14
STATUS DO BAIRRO	1
NÃO IDENTIFICA SERVIÇOS OFERECIDOS	1

Algumas pessoas relataram que “não gostam de viver no local”, por causas diversas como “o lixão próximo”, “saudades de família que vive longe”, “sentimentos de perda pela morte de entes queridos no local”. Duas pessoas expressam medo de morar no local, “em função da violência (tiros e assaltos)” e “medo do rio encher e levar as casas”. Destas, uma pessoa, expressou “desânimo até com a própria vida”, relatou que fez vínculos negativos no local e que “viver na vila é uma tristeza”, define “as pessoas do local como sendo desconsideradas”, que “criticam depois de serem ajudadas”.

Quanto à pergunta relacionada aos aspectos positivos de viver na vila, 28 respostas citam as facilidades que existem próximo dela: “supermercado, posto de saúde, padaria, escolas, emprego próximo, parque, *shopping* e igrejas próximos”.

Outras 14 respostas citaram o bom relacionamento humano existente na vila como “poder contar com os vizinhos”, “receber ajuda de mantimentos quando não tem”, “conhecer a maioria das pessoas”, “ninguém mexer com eles quando tem assaltos e violência”, “ter muitos amigos” e “estar próximos dos pais e familiares”. Uma pessoa relatou que “a vila é um lugar nobre”.

Uma pessoa relatou que “não via nada de bom no local e que havia perdido o ânimo de sair e até de ir ao mercado”.

O Quadro 4, indica as respostas referentes aos aspectos ruins de viver no local: 23 respostas citaram a falta de infra-estrutura da vila relacionada à: falta de asfalto nas ruas, as enchentes do rio com riscos de vir a inundar as casas, o lixo e a poluição que promove a presença de roedores e baratas nas residências, a possibilidade de adquirir-se doenças devido a convivência com fatores de risco de saúde, além da falta de creches para colocar os filhos.

Ainda no Quadro 4, as respostas mostram questões relacionadas ao relacionamento humano e à falta de policiamento e segurança no local. Citaram indivíduos denominados de “maloqueiros, ladrões, traficantes”, que “fazem bagunça nas ruas”, “se envolvem com substâncias psicoativas”, “são briguentos e violentos”. Os moradores relataram o fato de crianças e adolescentes estarem sem o monitoramento da família e sem ter o que fazer. “Por isso, permanecerem nas ruas e se envolverem com o uso de *tinner* e drogas”.

Outros dados que também foram relatados: “vários dos indivíduos envolvidos com roubos e homicídios que residiam na vila, têm aparecido mortos nos últimos tempos”. Relataram que “hoje em dia, o que tem muito na vila, são ladrões de galinhas e bagunceiros que ficam na frente do bar”.

QUADRO 4. ASPECTOS NEGATIVOS APONTADOS PELOS MORADORES PARA VIVER NA VILA

ASPECTOS	FREQUÊNCIA
INFRAESTRUTURA DA VILA	23
RELACIONAMENTO HUMANO	24

Quanto aos problemas apontados pelos moradores, (vide Quadro 5) cinco (5) respostas revelam questões sobre a infra-estrutura do bairro e a legalização dos lotes; dez (10) respostas, relacionadas com a “falta de segurança e policiamento”, relataram que chamam os policiais mas eles não vêm porque é invasão; nomearam “os jovens que fazem bagunça” de “moleques da rua” que “incomodam e jogam pedra nas casas e nos cachorros”, e que, “quando menos esperam tem tiroteios na vila”; doze (12) respostas citaram questões relacionadas “à saúde e higiene”, e a “a unidade de saúde que fica longe para ir a pé”, também “os roedores que existem em função dos depósitos de lixo do local” e com isso, os riscos de doenças; as pessoas que usam drogas que, segundo alguns moradores, prejudica a saúde do indivíduo e também faz os vizinhos sentirem medo dos usuários; onze (11) respostas citaram questões sobre a “poluição dos rios e do depósito de lixo no local”, relatam que “o rio pode encher e trazer mais riscos de sujeira para a vila”; quatro (4) citaram a falta de esportes, lazer e relacionamento humano, citaram também a negligência dos pais com crianças e adolescentes que ficam soltos na rua e expostos aos perigos de violência e manipulação por pessoas inescrupulosas; e três (3) pessoas 10% relataram não ter dificuldades na vila.

QUADRO 5. PROBLEMAS EXISTENTES EM SEU LOCAL DE MORADIA APONTADOS PELOS MORADORES

PROBLEMAS	FREQUÊNCIA
INFRA-ESTRUTURA DA VILA/ LEGALISAÇÃO DO LOTE	5
FALTA DE SEGURANÇA	10
HIGIÊNE E SAUDE	12
POLUIÇÃO	11
LAZER E RELACIONAMENTO HUMANO	4
NÃO TEM DIFICULDADES	3

As respostas dos moradores, relacionadas ao fato de como as dificuldades existentes nas duas vilas, podem ser resolvidas:

- a) Quinze (15) respostas relatam que estas devem ser resolvidas pelo “Governo e pelas Universidades”. Citaram a Prefeitura, o Governo, o Ministério Público, a Vigilância sanitária, a Polícia e os líderes políticos. Algumas pessoas relataram que os políticos que vão à vila “na hora do voto essas pessoas prometeram até asfaltar as ruas”, e depois “vêm com a política de doar alimentos”, o que, às vezes, facilita para que “algumas pessoas até vendam os mesmos para comprar drogas”. Estes relatos evidenciam que algumas pessoas da comunidade têm expectativas de que as soluções para os problemas existentes nas vilas sejam resolvidas por parte do governo; porém, de certa forma, revela que estas pessoas não se envolvam nas soluções, distanciando-se cada vez mais do fortalecimento que se deve encontrar na própria comunidade.
- b) Uma (1) resposta citou que as universidades deviam enviar pessoas para ensinarem os moradores a encontrarem soluções para os problemas das vilas. Novamente percebe-se uma postura que os torna alheios às possíveis soluções.
- c) Dez (10) respostas atribuíram aos líderes da comunidade e à própria comunidade a responsabilidade e relataram que o presidente da Associação precisa conscientizar as pessoas na vila; outros acreditam que deve ser feito um abaixo-assinado pelos moradores para terem só um presidente nas duas vilas; que o povo deve ter pulso forte na comunidade e que todos precisam limpar o bairro, para isso, cada família precisa olhar uns pelos outros; também relataram que povo deve se reunir e fazer alguma coisa, não pode esperar só pelo presidente. É importante ressaltar que um número significativo de respostas, representando 33,33% das falas, acredita que as soluções para os problemas da vila devem vir da própria comunidade. Estas pessoas, ao se implicarem na busca de soluções, poderão ser um indicador de viabilidade para o início de um processo de fortalecimento na comunidade.

- d) Em seis (6) respostas, evidenciou-se que, nesse momento, existem pessoas sem esperança que não acreditam que exista solução para os problemas da vila, essas pessoas relataram que perderam a confiança tanto no policiamento quanto nos governantes. É lamentável que se encontrem pessoas sem perspectiva de apoio por parte dos órgãos governamentais. Este fato pode indicar a necessidade de uma maior interação e vinculação entre o poder público e a sociedade civil.

Dando continuidade ao tema, reforçando o desejo da comunidade, percebeu-se que para grande parte das pessoas entrevistadas dezessete (17), as resoluções dos problemas existentes nas vilas deveriam contar com a ajuda dos representantes do governo. Estes moradores relataram que “dentro de uma cidade, as Secretarias do governo deveriam orientar o povo para, inclusive, guardar o lixo de modo a não trazer doenças e sujeira para a vila”. De acordo com essas pessoas, “a Secretaria da Saúde, deveria ser mais atuante para orientar e não deixar as pessoas expostas às doenças e o meio ambiente poluído”.

Relataram também que “na eleição passada, alguns governantes pediram votos, ofereceram cestas básicas”, mas, “hoje percebem que eles não cumpriram o que prometeram”. Um dos moradores relatou que deveriam “colocar fiscal para acompanhar tudo que acontece nos governos para que as ajudas fossem mais corretas”.

Outras pessoas relataram que “a solução dos problemas da vila precisam ser resolvidas com a ajuda dos próprios moradores”, justificaram que “são eles que sabem quais as necessidades que precisam” e que “isso não se sabe de fora”, que as pessoas que desejam ajudar, precisam, junto a eles, “se inteirar primeiro, quais são as dificuldades que estão enfrentando e o que realmente precisam”.

Algumas pessoas citaram que “os presidentes das Associações de Moradores são as pessoas que deveriam liderar as melhorias que precisam ser feitas, porque eles sabem o que acontece na vila enquanto representantes escolhidos pelos moradores”,mas, que “na vila eles só têm brigado e disputado poder” também relataram que alguns já fizeram até abaixo-assinado para tentar mudanças nas lideranças das vilas mas não conseguiram”.

Diante dos relatos de alguns moradores, percebe-se que eles têm conhecimento do que precisa ser feito e, de certa forma, conseguem fazer certa crítica às formas de ajuda que têm ocorrido nas vilas. Entretanto, percebe-se também que não se estabelece uma união entre eles. Mesmo existindo espaços físicos como as Associações de Moradores, local onde se poderiam discutir os problemas que assolam as vilas, estes não são utilizados para encontros com esses objetivos mas para a realização de cursos e eventos, sempre pleiteados por um dos líderes comunitários.

Na ocasião em que esta pesquisadora acompanhou os líderes da comunidade e alguns moradores para tratarem assuntos referentes às vilas, percebeu-se que eles estavam mais interessados em discutir as questões referentes ao fato de manter-se ou não na liderança e disputar o espaço físico da Associação. Provavelmente, o fato das lideranças estarem divididas, tem sido um dos fatores que contribui para que exista certa desmotivação por parte de alguns moradores nas das vilas.

Segundo Paulo Freire (1979), as pessoas precisam aprender a pensar e argumentar com autonomia a fim de evoluírem na habilidade de aprender a aprender (FREIRE, 1979). Diante disto, percebe-se na comunidade uma necessidade importante referente a alfabetização e escolarização da população. É significativo o número de pessoas com baixa escolaridade e/ou analfabetas. Este fato pode ser um dos indicadores que contribui para certa inércia, por parte de alguns moradores. Quanto ao fato de estas pessoas pensarem em sair da vila, (vide Quadro 6), vinte e duas pessoas (22) responderam que “sim”, as causas são bem diversificadas: “buscar um emprego melhor em outro local”, “inconformidade com as conseqüências de conviver com o lixo e a poluição do rio”, “medo das doenças”, “falta de segurança no bairro e os tiroteios que ocorrem e às vezes atingem as casas e causam medo”, “as lembranças tristes de perda de entes queridos no local”, “os riscos de envolvimento com trafico e drogas para os filhos e netos”. Destas pessoas, oito (8) relataram que não pensam em sair da vila porque “acreditam que problemas existem em todos os lugares”, acreditam que “precisam tentar ajudar e ver o que é melhor para o bairro, e que fugir não resolve”.

QUADRO 6. PENSAR EM SAIR DA VILA

RESPOSTA	FREQUÊNCIA
SIM	22
NÃO	8

Diante destes dados, pode-se pensar que, embora o número de respostas afirmativas para o fato de ter pensado em sair da vila foi significativo 73,33%. Faz pensar-se também que existam fatores reforçadores para que as pessoas se mantenham nesse local.

Várias pessoas relataram que “gostam muito do bairro”; “é um lugar bom para se viver”; em uma das respostas, a pessoa entrevistada relatou que “já se passaram 25 anos de suor e trabalho nesse local, por isso, espera que a Prefeitura nunca mexa com eles”, outra pessoa também relatou que “tem bastante amigos e vive na vila desde que nasceu” alguns entrevistados disseram que “têm parentes e amigos no bairro”.

Tratando-se da pergunta: “Se pudesse, o que melhoraria em seu bairro?": Vinte e duas (22) respostas dos moradores relataram questões como a “colocação de asfalto nas ruas”, “uma creche para os filhos das mulheres que trabalham fora”, “melhorar o policiamento”, “darem nomes às ruas que estão sem nome”, “canalizar o rio para não encher e entrar nas casas”, “roçar a beira do rio para limpar o lixo”, “melhorar as casas dos moradores”, “colocarem água encanada e luz”, “colocar uma mercearia e bar dentro do bairro porque o mercado grande é muito caro”. (vide Quadro 7).

QUADRO 7. SE PUDESSE O QUE MELHORARIA EM SEU BAIRRO?

O que foi dito	FREQUÊNCIA
MELHOR INFRAESTRUTURA NA VILA	22
REGULARIZAR OS LOTES/ CASAS NA VILA	4
O LIXÃO EM LUGAR APROPRIADO	2
MAIS SEGURANÇA	1
UMA COOPERATIVA NAS VILAS	2
OCUPAÇÃO PARA OS JOVENS	1
ACESSO MELHOR À SAÚDE	2
CURSOS PARA PAIS	1

É importante ressaltar que existe uma suposta contradição quando os moradores estão falando de infra-estrutura, quando eles se referem às condições da vila, esta é bem precária, tanto nas construções das casas e barracos, quanto às ruas, beira do rio, e a vila como um todo. Quando eles se referiram ao Bairro, isso foi motivo de orgulho para muitos deles, porque relataram ser muito bem estruturado, com mercados, *shopping center*, cinemas, asfalto, condomínios e apartamentos de luxo. Enfim, para essas pessoas, o bairro possuiu todas as condições de conforto.

Diante disso, percebeu-se que essas pessoas vivem lado a lado com a contradição. Nesse local, as diferenças de classes sociais se impõem, quando se fixam os olhos nos casebres, no lixões, e, ao seu lado, os condomínios de luxo e a suntuosidade das áreas comerciais

Continuando com o relato dos moradores da vila, estes, ao responderem, “se pudessem o que melhoraria em seu bairro”, percebeu-se que existe, por parte de vários entrevistados, vontade de regularizarem seus lotes na COHAB. De acordo com o IPPUC/2000, estes lotes e casas, atualmente, constam como sendo lotes de invasão.

Outra preocupação dos moradores é referente ao lixão. Várias pessoas responderam que “mudariam o local do lixão para um lugar mais apropriado porque entendem que, para terem o ganha-pão não precisa incomodar os vizinhos”. Para isso, “conscientizariam as pessoas referente aos problemas e conseqüências de conviver com o lixo, próximo a suas casas”.

Outros dois relatos relacionavam-se com planos de empreendedorismo, a vontade de colocarem uma Cooperativa no bairro para gerar renda e melhorar a qualidade de vida da comunidade. Algumas pessoas citaram exemplos de pequenos comércios para venda de produtos gerados com algumas atividades desenvolvidas a partir dos cursos de capacitação que existem na vila (bordados, panos de prato, velas, verduras, dentre, outros).

Duas respostas revelaram vontade de melhorarias na saúde dos moradores. Para isso, relataram que colocariam o Posto de Saúde mais próximo das casas e forneceriam remédios para quem precisa e não tem condições de comprar.

Um dos entrevistados relatou questões relacionadas à prevenção de segurança do bairro, e a solução viria por meio de cursos para pais, informações e encaminhamentos que apontem meios para ocupação para os jovens não ficarem ociosos e correrem o risco de vir a se envolver com situações de drogas e delinquência.

A partir dos relatos das entrevistas, observa-se que, diante do fato de existirem cursos desenvolvidos nas duas vilas, tanto pela Prefeitura quanto pelas igrejas locais, as respostas evidenciaram conhecimento do fato de existirem essas atividades e cursos; entretanto, somente algumas pessoas participam ou participaram dos mesmos.

Dos cursos, os mais citados foram: pintura, bordado e a elaboração de chinelos e artesanato. Os horários em que as pessoas mais participaram desses cursos foram à noite e a tarde e os motivos para a escolha dos horários: porque “precisavam trabalhar”; para “não atrapalhar a lida da casa”, e porque esse era o horário do curso. Esse fato demonstra que, mesmo as pessoas que desenvolviam outras atividades, encontraram motivação para participar dos cursos. Alguma das respostas citadas pelos moradores foi: “aprender e ocupar a mente”.

As pessoas que não participaram, representaram pouco menos da metade da população entrevistada. Os motivos relatados foram diversos e tinham a ver com outras atividades que estavam sendo desenvolvidas pelos moradores e/ou motivos pessoais.

Percebe-se que havia interesse e certa mobilização por parte de algumas pessoas para descobrirem formas que lhes possibilitasse melhoria de vida, e/ou fazer outras atividades rentáveis, havia relatos de participações em concursos e projetos.

Quanto às pessoas que responderam que não participam de cursos, os motivos relatados em 26,67 % das respostas, relacionavam-se ao fato de trabalharem fora e não disporem de tempo, 10% das respostas falavam de motivos de saúde e, em 6,67% das respostas, o fato de serem pessoas do sexo masculino e não considerarem adequado a sua participação.

Ainda de acordo com as respostas sobre os cursos realizados na vila, observou-se que se manteve o número de respostas que anteriormente haviam dado, tanto os que participam como das que responderam que não participaram dos mesmos. Entretanto, observa-se que na época em que a maioria das pessoas fez cursos, algumas delas fizeram mais de um curso por ano: em 2006, foi 16,67% das respostas, sendo este o maior percentual de pessoas que aderiram aos cursos. Em 2005, 2004, 2003, 2001, totalizaram 6,67% das respostas e a partir de 2000 e 2002, foram 3,33% das respostas dadas.

Os cursos que tiveram o maior número de participantes, foram os de pintura e os relacionados à elaboração de alimentos, com 20% das respostas; depois foram os de cooperativismo e empreendedorismo, com 10% das respostas; trabalhos em grupo e crochê, com 6,67% e os restantes com 3,3% das respostas. Ou seja, o número de adesões aos cursos, relatados pelo público-alvo foi significativo.

Os relatos citados para participar dos referidos cursos foram em 23,33 % das respostas “para não ficarem em casa e ocuparem a mente”, e 16,67 % para “aprenderem coisas novas”. Ainda, 6,67 % das respostas tinham a ver com questões relacionadas ao fato de que “nunca é tarde para saber e ter oportunidade de melhorar a vida”, e para “aprenderem coisas que ajudem na renda familiar”. As outras respostas totalizaram 3,33% e voltavam-se a razões subjetivas: “porque gostam e para não ficar em casa”.

As respostas relacionadas ao fato de se os moradores acham que as pessoas deveriam participar ou não das atividades dos cursos, mostram uma unanimidade na afirmação por parte dos respondentes; 36,67% das respostas alegavam que era para “aprenderem alguma coisa, desde que gostem de ter um ofício”; outras 20% das respostas consideram que os cursos eram bons para “ocupar a cabeça com alguma coisa e andar na linha” e, em 13,3% das respostas, que era para melhorar a renda e ajudar no orçamento. Em 10% das respostas, relacionavam-se a questões individuais: “não precisar carregar carrinho de material reciclável, melhorar o ego, ter emprego”). E, finalmente os 3,33% das respostas foram questões subjetivas como

“ocupar os jovens desocupados, as mulheres aprenderem algo e não engravidarem, não haver roubos, motiva a limpeza da vila”.

Diante das respostas dos referidos moradores, percebeu-se que os cursos ministrados na vila foram considerados úteis.

De acordo com o (Quadro 8), as respostas referentes ao que as pessoas faziam quando alguém ficava doente na comunidade, 63,33% das respostas, relataram que levavam à Unidade de Saúde 24 horas e que, às vezes, as pessoas eram até conduzidas de ambulância; outros 26,67% das respostas relatam que levam seus familiares ou quem ficava doente, no Posto de Saúde local onde, além dos atendimentos, recebem as medicações indicadas pelo médico (quando havia no posto);

Outras 6,67% das respostas relataram que primeiro davam atendimento em casa com chás e analgésicos, só depois, se o doente não melhorava, levavam-no até o Posto de Saúde. Em 3,33 % das respostas, as pessoas se posicionaram de forma subjetiva, “fica apavorada e leva na Unidade de Saúde”, “ leva primeiro no Posto de Saúde, mas se o atendimento demorasse, aí levavam o doente para a Unidade de Saúde que funciona 24 horas” , “leva os doentes no Posto durante a semana e na Unidade de Saúde 24 horas, nos finais de semana”.

Percebe-se que, mesmo a vila sendo um local de invasão, está localizada numa região que possui Postos de Saúde que dão um bom atendimento à comunidade. Sendo assim, a vila também está bem atendida, tanto nos atendimentos de emergência quanto nos de consultas rotineiras nos Postos de Saúde.

QUADRO 8. QUANDO ALGUÉM FICA DOENTE O QUE FAZEM

RESPOSTAS	FREQUÊNCIA	%
LEVAM NA UNIDADE DE SAÚDE 24 HORAS	19	63,33
LEVA NO POSTO DE SAÚDE, RECEBEM REMÉDIOS.	8	26,67
PRIMEIRO DÃO CHÁ COM ANALGÉSICO, DEPOIS LEVA NA UNIDADE 24 HORAS	2	6,67
PROCURA O POSTO DE SAÚDE DURANTE A SEMANA E NOS FINAIS DE SEMANA A UNIDADE 24 HORAS	1	3,33

Quanto ao que as pessoas fazem nos finais de semana, o (Quadro 9) mostra que grande parcela da população-alvo: 56,67%, ou seja, 17 moradores, ficava rotineiramente em casa para descansar, arrumar a casa, cuidar dos filhos e se entreter com programas de TV. Outros 26,67 %, 8 pessoas do total de respondentes, relataram que iam passear na casa de parentes, amigos ou em lugares públicos como *shopping center* e praças, lugar onde às vezes levavam seus filhos pequenos para passear. Outras pessoas relataram que, as maiorias das vezes permaneciam em casa, mas eventualmente, quando tinham condições financeiras, saíam para passear na casa dos filhos e parentes e às vezes na igreja.

Algumas pessoas relataram que às vezes conseguem trabalho informal (jardinagem e diarista em casas de famílias) nos finais de semana. Houve três (3) respostas com relatos que nos finais de semana aproveitavam para ir ao mercado. Em 3,33% das respostas algumas pessoas relataram que saíam com seus filhos pequenos para levá-los ao parque, entretanto, somente quando tinham condições financeiras para isso. Outras respostas tinham a ver com o fato de ficarem jogando sinuca e baralho ou beberem cerveja com os amigos.

Percebe-se que, a partir das respostas da população-alvo, referente ao fato do que fazem nos finais de semana, várias pessoas ficam em suas casas, o que pode ser devido aos interesses de cada faixa etária, ou seja, nesta pesquisa, embora várias pessoas jovens fossem entrevistadas, o maior número de entrevistados foi de pessoas mais velhas e com filhos.

QUADRO 9. O QUE FAZEM NOS FINAIS DE SEMANA

RESPOSTAS	FREQÜÊNCIA	%
PASSEIAM NA CASA DE AMIGOS OU SHOPPING	8	26,67
FICAM EM CASA	17	56,67
VAI AO MERCADO	3	10,00
PASSEIAM COM OS FILHOS QUANDO TEM DINHEIRO	2	6,67

Segundo o que a família do entrevistado faz nos finais de semana (vide Quadro 10) 18 respostas também apontaram para o fato de que essa população

ficava em casa e algumas vezes, trabalhando “ficamos reciclando o material recolhido”, “limpando e arrumando a casa”

Outros entrevistados relataram que saíam pouco, às vezes para passear e quando o faziam, iam ao parque mais próximo, à igreja da vila ou permaneciam em suas casas, assistindo vídeo game e TV. Outras 3 respostas mostravam relatos de pessoas que nos finais de semana vão ao mercado; o mesmo número permanecia em casa por questões de saúde física e emocional “ teve depressão” ,“ amputou a perna”, “vivem em cadeira de rodas” .

Outras respostas apontam casos particulares, dentre estes: “trabalha e chega cansado, vai pescar, trabalha com o tio no fim de semana”.

Diante da constatação de que grande parte da população permanecia em suas casas, este fato pode estar relacionado a questões financeiras, no que implica em recursos econômicos para locomover-se para passear, por isso, grande parte da população relatou programas que tem a ver com os locais das imediações da vila (parque, mercado, cinema, vizinhos, parentes).

QUADRO 10. O QUE AS PESSOAS DA FAMÍLIA FAZEM NOS FINAIS DE SEMANA

RESPOSTAS	FREQUÊNCIA	%
SAEM PARA PASSEAR NA CASA DE PARENTES E AMIGOS	5	16,67
VÃO AO PARQUE	6	20,00
VÃO PESCAR	1	3,33
PESSOAS DOENTES QUE FICAM EMCASA	2	6,67
FICAM EM CASA DESCANÇANDO, ASSISTINDO TV OU REICLANDO MATERIA, RARAMENTE VÃO AO PARQUE.	18	60,00
VÃO AO MERCADO	3	10,00
TRABALHAM	3	10,00
VÃO À IGREJA	4	13,33

A partir dos dados do (Quadro 11), fica evidente que a maior parte das respostas (6), os moradores gostariam de ter melhorias em suas vidas através de uma melhor condição financeira. Seus relatos externaram sonhos como: “comprar uma banca de revistas, por uma banca de doces, comprarem um overloque, comprar uma máquina de costurar, ter estoque na bicicleteria”. Em cinco (5) respostas evidenciava-se o desejo de dar continuidade aos estudos que foram abandonados, “voltar a estudar para ter um emprego melhor”.

Outras quatro (4) respostas tinham a ver com questões relacionadas à melhorias na moradia e na infra-estrutura da vila, entretanto, igual número (4) relatou que estavam conformes com a vida que levavam, fato que pode evidenciar conformismo e/ou uma real satisfação em viver na vila. Ainda de acordo com as respostas dos moradores, três (3) respostas evidenciavam o desejo de ter um emprego melhor, duas (2) respostas tinham a ver com questões relacionadas à melhoria de saúde e desejo de melhor emprego para os filhos. Poucas respostas tinham a ver com questões subjetivas como: “ter dinheiro para cuidar da aparência pessoal, pagar as contas, sair de onde mora, ter uma boa aposentadoria e conseguir um noivo”. Um dos relatos evidencia a falta de identidade da vila que não possui nome em várias das suas ruas “viver numa rua com nome”.

QUADRO 11. O QUE GOSTARIA DE MELHORAR EM SUA VIDA

RESPOSTAS	FREQUÊNCIA
TER UM NEGÓCIO PRÓPRIO	6
TER UM EMPREGO MELHOR	3
MELHORAR A MORADIA	4
MELHORAR A SAÚDE	2
CONSEGUIR EMPREGO PARA OS FILHOS	2
VOLTAR A ESTUDAR	5
MELHORAR A APARÊNCIA FÍSICA	3
VIVER NUMA RUA COM NOME	1
NADA	4
SAIR DA VILA	1
PAGAR AS DÍVIDAS	1
TER APOSENTADORIA	1
TER UM NOIVO	1

Quanto aos projetos que a população-alvo tem para suas vidas, observa-se no (Quadro 12) que, em (11) respostas, estas estavam relacionadas às questões de empreendedorismo, “pôr um restaurante, venda, costurar para fora” fato que pode estar relacionado com os cursos ministrados na vila. Seus planos também incluíram voltar a estudar. O vocabulário dos respondentes também evidenciava que assimilaram informações durante suas vidas e sabem o que é necessário para melhorarem de condição econômica.

Mesmo vivendo em lotes irregulares, cinco (5) respostas dos moradores indicavam o desejo de “conseguirem a casa própria”, demonstrando assim, que para eles, existe a possibilidade de regularizarem seus lotes; entretanto, percebe-se que pouca ou nenhuma mobilização nesse sentido foi feita entre ou pelos os moradores.

Em quatro (4) das respostas dadas, os moradores demonstraram preocupações com o futuro dos seus filhos, “dar estudo e emprego para os filhos”,

Outras três (3) respostas evidenciaram que algumas pessoas almejavam por um emprego fixo, a fim de melhorar de vida; igual número: três (3) responderam que seu projeto era adquirir “bens materiais”. Em duas (2) respostas, as pessoas relataram pouca expectativa de vida, desejavam viver somente mais uns cinco (5) anos, ou meia dúzia de anos, estas estavam sem planos para o futuro. Este fato, em parte, pode estar relacionado à idade avançada e às questões de saúde destes respondentes. Em algumas poucas respostas houve questões subjetivas como: adquirir um carro e fazer auto escola, ir residir em outra cidade.

Diante do que foi relatado nas entrevistas, percebe-se que algumas pessoas que têm projetos para suas vidas, em grande parte, estão relacionados às questões que não dependem de escolaridade e formação, ou seja, as expectativas vêm provavelmente, dos aprendizados obtidos com os cursos e trabalhos desenvolvidos na comunidade. Entretanto, estas pessoas, para seus filhos, têm esperança de que consigam uma melhor escolaridade e com isso, um futuro melhor (vide Quadro 12).

As pessoas entrevistadas que apresentaram idades mais avançadas, demonstraram não ter expectativas de futuro, talvez pela condição frágil de sua saúde.

Alguns adultos jovens ficaram relatando e acalentando sonhos de melhorias no futuro, principalmente financeiras, sem projetos e iniciativas para irem à luta. Provavelmente, são pessoas vivenciaram algum tipo de ajuda com uma visão

paternalista e assistencial e, segundo a autora referenciada, vivências dessa natureza “levam à manutenção de consciências fragmentadas pelo idealismo e individualismo, e, de fato, impedindo qualquer avanço tanto na ação como na consciência” (LANE, 1996, p.28).

QUADRO 12. QUE PROJETOS TÊM PARA SUA VIDA

RESPOSTAS	FREQUÊNCIA
CURSOS, ESTUDO, EMPREENDEDORISMO	11
EMPREGO REGISTRADO	3
ESTUDO E EMPREGO PARA OS FILHOS	4
CONSEGUIR A CASA PRÓPRIA	5
SAÚDE	2
VIVER 6 ANOS MAIS	2
SEM PROJETOS	2
ADQUIRIR BENS MATERIAIS	3
MUDAR DE CIDADE	1

No final das entrevistas, algumas pessoas relataram que possuem uma atitude otimista diante da vida, dizendo “não desistir dos sonhos”, “buscar a Deus”, “não desanimar, pensar que hoje não tem mais amanhã vai ter”.(sic).

Quatro (4) respostas demonstram que algumas pessoas estão conformadas com a vida que têm, mas mesmo assim desejam melhorar: “levo uma vida boa mas tento sempre melhorar”, duas (2) das respostas demonstram que esses sujeitos estão desanimados, depressivos e com mau relacionamento com alguns vizinhos. Uma pessoa relatou que não sabia o que dizer

Outras sete (7) respostas evidenciaram preocupações com questões relacionadas à comunidade, ao coletivo, ou seja, já demonstravam que adquiriram, internamente, o sentido de cidadania e solidariedade, “vontade de ver o bairro com melhorias, com asfalto nas ruas”, “melhorar a moradia das pessoas para dar mais

dignidade aos filhos”, “tentaria ajudar os outros, com força para não desistirem”, “deseja que Deus abençoe o Prefeito para olhar para a vila”, “fazer os outros rirem, dar uma palavra amiga” (sic). Estes relatos acima nos remetem aos estudos da Psicologia Social Comunitária.

Segundo Lane (1996), ao se falar nas diversas experiências que ocorrem numa determinada comunidade, é importante que, tratando-se da vila em questão, os moradores procurem conhecer bem a realidade que existe na sua própria comunidade. Importa também, que o grupo de moradores que possui uma percepção maior das necessidades existentes, se fortaleça enquanto grupo e desenvolva ações conjuntas e, ao mesmo tempo, valorize as expressões afetivas porque são estas que motivam a vida no grupo e na comunidade. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1996, p. 92).

Enfim, diante dos relatos de alguns moradores das duas vilas, percebe-se que é possível encontrar-se, entre as pessoas residentes em comunidades menos favorecidas, tanto pessoas alienadas, que não têm forças para transformarem a realidade em que vivem, como outras que, com uma maior percepção sobre sua condição de vida, possuem esperanças diante do futuro.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho de pesquisa, procurou-se, por meio das informações dos moradores, conhecer a vida, a história e as condições de moradia da comunidade assim como identificar as necessidades e problemáticas vividas no cotidiano, principalmente, em termos de processos psicossociais que afetavam a comunidade como um todo.

Nesse processo, foram identificados os modos de enfrentamento e resolução propostos no seu cotidiano e nas relações estabelecidas. Procurou-se entender os discursos dos moradores, numa perspectiva que levasse em conta a cultura e a singularidade da referida comunidade.

Para se entender a realidade dos locais desprivilegiados, com vistas a acreditar-se que é possível o fortalecimento da comunidade, e o processo da construção da cidadania em nosso país, precisa-se, necessariamente, levar-se em consideração as desigualdades sociais existentes e as "formas de dominação de uma cultura política dominante e baseada na tutela e no clientelismo" (JACOBI, 1993, p.119). Para isso, é necessário que prevaleça a garantia de espaços participativos numa perspectiva de busca de equidade e justiça social para que realmente, se configure uma sociedade democrática. (id, 1993)

Sabe-se que para construir a cidadania plena, o indivíduo deverá adquirir uma postura crítica e criativa diante de sua vida. Essa postura, mesmo necessária, ainda é insuficiente para que se construa uma consciência coletiva, "ela precisa ser construída internamente e estar pautada em valores como afeto, solidariedade, cooperação, respeito, compromisso, participação e responsabilidade social" (LIMA, 2003, p.109).

Diante disso, importa compreender que estas competências internas não são desvinculadas de uma "prática coerente na relação homem-natureza, homem-homem e sociedade-natureza" (TOZONI-REIS, 2004, p.95). São escolhas que resultam de um ato político também, por isso, não raras vezes se observa nas comunidades menos favorecidas, grupos de jovens que se engajam em causas sociais e ambientais, desenvolvem talentos e se destacam nas mais diversas áreas, mas, infelizmente, outros jovens também se destacam, por se engajar em causas coletivas do mundo do crime organizado.

No local desta pesquisa, evidenciaram-se, por meio do relato de grande parte dos moradores, inúmeros problemas referentes a uma condição de vida precária, assim como o desejo de uma melhor condição de vida, não só no que se refere às questões de infra-estrutura, como moradias e bens materiais, mas às possibilidades de trabalho e melhoria nas oportunidades de estudo e ocupação para os jovens que se encontravam em situações de vulnerabilidade social.

Os motivos para a permanência no local, relatados pelos entrevistados, devem-se ao fato que muitas destas pessoas vivem há muitos anos na vila, já construíram redes de relacionamentos no bairro e na vizinhança, além do fato de algumas famílias viverem muito próximas umas das outras (avós, filhos, netos), num mesmo lote.

De acordo com grande parte das pessoas do local, as resoluções para os problemas enfrentados e a melhoria de suas condições de vida dependem mais de outrem (governo, Prefeito, políticos, vizinhos) do que deles mesmos.

Nesses locais desprivilegiados, percebe-se que existem alguns projetos bem intencionados, que procuram atender às demandas da comunidade, principalmente os com enfoques religiosos. Entretanto, muitas vezes tais projetos não percebem que, ao suprirem sistematicamente as necessidades imediatas de alimentação e agasalho para essa população, reforçam nessas pessoas suas condições de menos valia e incapacidade para conseguirem por si mesmos, formas de suprirem suas necessidades básicas (MINUCHIN, 1999, p.30).

Exemplo dessa realidade é a comunidade-alvo desta pesquisa. Os moradores vivem bem próximos a duas igrejas que de acordo com o relato de alguns moradores, ajudam a população mais necessitada com roupas e cestas básicas de alimentação, mas, segundo estas mesmas pessoas, alguns indivíduos não fazem bom uso das doações recebidas.

Observa-se também que, bem próximo, encontram-se os condomínios de luxo e centros comerciais eletizados que existem no local. Constatou-se que algumas mulheres da comunidade desenvolvem trabalhos de diaristas e mensalistas nesses condomínios de luxo.

Sabe-se que as diferenças sociais fazem parte da sociedade; entretanto, quando estas são extremas e evidenciam de um lado, algumas pessoas que não têm sequer as mínimas condições para sua sobrevivência, e de outro lado, pessoas

que vivem com muitas riquezas, é preciso parar para pensar: o que está ocorrendo com a sociedade e as políticas públicas?.

O fortalecimento na comunidade, parte do princípio de que são possíveis os incentivos às qualidades positivas e capacidades das pessoas desprivilegiadas, a fim de que estas, por si mesmas, consigam as transformações positivas que lhes permitam uma melhor qualidade de vida, e o acesso aos bens de consumo existentes na sociedade às quais pertencem (MONTERO, 2003).

Percebe-se, entretanto, que não é tão simples adquirir a sonhada autonomia e emancipação, principalmente, quando grupos de pessoas se encontram em constante luta pela sobrevivência. No referencial teórico que embasa esta pesquisa, constata-se que há muito tempo, não só no Brasil, mas na maioria dos países da América Latina já existia, no dia a dia das pessoas menos favorecidas, uma certa condição de desesperança e desalento.

De acordo com Montero (2003, p. 59), foi o psicólogo Escobar (1979 e 1980) um dos pioneiros da Psicologia Social Comunitária que se deparou com a necessidade de que as pessoas nas comunidades pobres superassem os “efeitos psicológicos de desesperança e alienação”. Segundo ele, as pessoas deveriam superar a apatia, a indiferença, a falta de interesse político, o negativismo e a insegurança, sentimentos típicos existentes em grande parte das pessoas que vivem nas comunidades pobres.

Ainda de acordo com o autor citado, tornavam-se necessárias mudanças no meio ambiente em que essas pessoas viviam e, conseqüente, mudanças nas suas condutas, fato que poderia fortalecer as respostas positivas desses sujeitos e, aos poucos, permitir acesso aos recursos que necessitavam.

Em se tratando de comunidades brasileiras, como facilitar a essas comunidades desprivilegiadas, ações que de fato promovam essas pessoas e lhes possibilite que saiam da situação de menos valia na qual se encontram? Como apontar meios para que se desenvolvam por si mesmas? Como lhes indicar atividades que façam-nas participar de decisões e que lhes permitam tomar as condutas necessárias para a transformação que exigem os verdadeiros processos de fortalecimento na comunidade?.

De fato, o que se espera com os trabalhos comunitários é que aos integrantes dessas comunidades, lhes sejam facilitados meios, para que assumam o compromisso e o sentimento ético de apego e obrigações para consigo mesmos e

para com a sua comunidade, a fim de que desenvolvam ações coletivas que beneficiem a todos.

Para isso, são necessários o desenvolvimento de capacidades individuais nos membros da comunidade, aliado ao sentido de competência, e capacidade de planejar estratégias e soluções diante das necessidades concretas da comunidade onde vivem.

Durante esta pesquisa observou-se que, para parte dos entrevistados, a possibilidade de participarem nas atividades dos cursos oferecidos pela Fundação de Ação Social da Prefeitura e de algumas Organizações não Governamentais - ONGs, esse fato permitiu que várias pessoas adquirissem conhecimentos, desenvolvessem habilidades e confeccionassem produtos para vender e, desta forma, conseguir alguma renda. Algumas pessoas que confeccionaram objetos nos cursos, fizeram-no a fim de levarem as produções feitas para suas próprias casas (crochê, tricô, pintura, dentre outros).

Para Lane (2005, p.32) “é no contexto grupal que nos identificamos com o outro e é nele também que nos diferenciamos deste outro, e assim construímos nossa identidade”, por isso, a importância de ser promovida a convivência entre os integrantes da comunidade, mesmo que seja em encontros para a realização de cursos, como os existentes na comunidade alvo, a fim de que nesse espaço as pessoas possam comentar as questões que ocorrem no dia a dia da comunidade e, juntas, além da troca de experiências, possam fortalecer o relacionamento.

De acordo com Rappaport (*apud* MONTERO, 2003), somente quando uma comunidade se organiza e desenvolve ações que promovam sua emancipação e autonomia, é que se tornam aptas ao controle e domínio de suas próprias vidas, ou seja, quando de fato, o processo de fortalecimento ocorre.

Nesse sentido, as pessoas da comunidade-alvo, ao desenvolverem atividades juntas, podem, aos poucos, ir se organizando para dar conta das dificuldades que encontram no dia a dia da vila. Também é importante que os facilitadores desse processo nas comunidades pobres entendam que os planos para essas comunidades, devem partir das necessidades e aspirações dos próprios moradores e não do interesse de pessoas externas à comunidade.

É fundamental entender-se também que é na própria comunidade que se encontram as soluções eficazes para as demandas existentes, sendo as próprias pessoas da comunidade que sabem o que é melhor para elas mesmas.

De acordo com o referencial teórico, as possibilidades de transformação ocorrem quando os membros de uma determinada comunidade se mostram interessados, se organizam e desenvolvem, em conjunto, capacidades e recursos para controlar suas próprias vidas, atuando com atitude de compromisso, consciente e criticamente, a fim de lograrem a transformação do seu entorno, de acordo com as suas necessidade e aspirações.

Por isso, esse processo propõe que a pessoa, ao transformar o ambiente, se transforme a si mesma. De acordo com os autores citados neste trabalho, esse compromisso e conscientização, ocorrem no sujeito, a partir do momento que este adquira sua identidade social e o sentido de apego e pertença à sua comunidade.

Tratando-se de seres humanos, o processo não é tão simples assim; é necessário que o indivíduo acredite que pode influenciar nos sistemas sociais e políticos e que isso, na prática, tenha importância para ele. Tal fato implica, necessariamente, num processo de auto-percepção e sentido de pertença rumo à participação, à autodeterminação e a transformação social comunitária.

No que se refere às condições de vida e às rede de relações que levaram os moradores das duas vilas abordadas nesta pesquisa a continuarem vivendo em condições precárias no lugar, pode-se afirmar que, em se tratando principalmente dos moradores mais antigos, estes foram construindo suas casas, formando suas famílias, trabalhando em empregos fixos e informais e quando o emprego ficava escasso, iam desenvolvendo formas alternativas de sobrevivência no local, ora trabalhando como jardineiros, diaristas, catadores de papel, pedreiros, sempre em atividades que tinham aptidão.

Estas pessoas também formaram uma rede de apoio e amizades entre a vizinhança o que fez com que fossem estabelecendo um forte apego ao local e com as pessoas. Houve vários relatos de moradores durante as entrevistas que afirmaram por várias vezes que contaram com a ajuda dos vizinhos diante de alguma eventual necessidade, tanto material quanto de apoio.

Finalizando esta pesquisa nas duas vilas, foi possível visualizar uma realidade diferente e pouco conhecida de vida. Embora existam relatos, por parte dos moradores, que são os governantes que devem ajudar as dificuldades existentes na vila, na prática, elas enfatizam mais as alternativas ligadas a si mesmas ou à própria comunidade, do que aos governantes e ou entidades públicas. Além disto, a história de vida e de relações que foram construindo, ali no bairro, parece ser um forte fator

psicossocial que fez com que o local de moradia tenha dimensões positivas para o viver lá.

Espera-se que, em se tratando de comunidades, alguns valores sejam reafirmados entre eles, tais quais: o sentido de compromisso, de afeto, de solidariedade, do valor do singelo e, principalmente, de humanidade.

“Esperamos que permaneça nossa confiança no povo, nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (FREIRE, 1985, p. 218).

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAMPOS, R. H. de F (org). **Psicologia Social Comunitária- Da solidariedade à autonomia**. 10º ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

CAMARGO, G.S. Educação e cidadania ambiental: Psicologia na visão sistêmica de comunidade. *In*: SCMIDT, M.A.; STOLTZ, T. **Educação, Cidadania e Inclusão Social**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005. pp, 200-206.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1989.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental Princípios e Práticas**. 7º ed. São Paulo: Gaia, 2000.

DIAS, A. R. **Condições de vida, trajetórias e modos de “estar” e “ser” catador: estudo de trabalhadores que exercem atividade de coleta e venda de materiais recicláveis na cidade de Curitiba**. São Paulo: 2002 – 105p. (Dissertação de Mestrado).

FERREIRA, V. Inquérito por questionário na construção de dados sociológicos. *In*. SILVA, A; PINTO, J. **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto Alegre: Edições Afrontamento, 1986. pp. 165 – 196.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2º ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, A. M. A. O legado de Paulo Freire a Educação, *in*: **Educação Ambiental e Cidadania - Cenários Brasileiros**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia-** 29º ed, São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo, Brasil: Paz e Terra (Colecção Leitura), 1997.

_____. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 6 ed. Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 14º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

FREITAS, M. de F. Q. (In) Coerências entre práticas psicossociais em comunidade e projetos de transformação social: aproximações entre as Psicologia Social da Libertação e Comunitária. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 36, n. 1, pp. 47-54, jan./abr. 2005.

_____. Movimento da lente Focal na História Recente da Psicologia Social Latino-Americana. In R.H.F. Campos & P.A.Guareschi(orgs) **Paradigmas em Psicologia Social. A perspectiva Latino-Americana**. Petrópolis. Vozes.2000:157-185.

_____. Contribuições da Psicologia Social e Psicologia Política ao Desenvolvimento da Psicologia Social Comunitária: Os paradigmas de Silvia Lane, Ignácio Martin-Baró e Maritza Montero. **Psicologia & Sociedade**; v. 8, n.1 p. 63-82; Jan/jun. 1996.

_____. Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. **Psicol. Reflex. Crit.** vol.11 n.1 pp.175 -189, Porto Alegre, 1998.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. 3º ed. São Paulo: Petrópolis, 2000.

GASKELL, G. BAUER, W. M. Entrevistas Individuais e grupais **in Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som- Um Manual Prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1994.

GOMES, G. R; FLORES, G. J; JIMÉNEZ, E.G. **Metodologia de la investigación cualitativa**. Santiago de Cuba: PROGRF, 2002.

GUARESCHI, P. A. Relações Comunitárias – Relações de dominação. *In* CAMPOS, R.H.de F (org). **Psicologia Social Comunitária- Da solidariedade à autonomia**. 10º, Petrópolis: Vozes, 2005. pp. 81 – 99.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2000**.

JACOBI, P. **Política Educacional e Participação**. Revista São Paulo em Perspectiva, Fundação DEADE, São Paulo: 1993, vol. 7(1): 118-127.

LANE, S. T. M; SAWAIA, B. B. **Novas Veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense: EDUC, 1995.

_____. (orgs). **Psicologia Social- O homem em movimento**. São Paulo: 3º ed. Brasiliense, 1997.

LIMA, G. F da C. Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. in LOUREIRO, C.F.B; LAURARGUES, P; CASTRO, R.S (orgs). **Educação Ambiental - repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. pp. 109 – 141.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental e Movimentos Sociais na Construção da Cidadania Ecológica e Planetária. In LOUREIRO, C.F.B; LAURARGUES, P; CASTRO, R.S (orgs). **Educação Ambiental- repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. pp. 69 – 98.

MARTIN, B. I. **Psicología de la liberación**. Sagasti : editorial Trotta, 1998.

MINAYO, M. C. de S.(org); **Pesquisa Social- Teoria, método e criatividade**. 19ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MINUCHIN, P. **Trabalhando com Famílias Pobres**. Porto Alegre: Artes Médicas 1999.

MONTERO, M. Constucción, desconstrucción y crítica:teoria y sentido de la Psicologia Social Comunitária en América Latina. In: R. H. F. campos; P. A. GUARESCHI (Ed.). **Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva Latino Americana**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.70 – 90.

_____. (Org.) **Psicologia Social Comunitária**. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 1994. pp. 19 - 45.

PRADO, M. A. M. A Psicologia Comunitária nas Américas: o Individualismo, o Comunitarismo e a Exclusão do Político. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 15 n.1 Porto Alegre, 2002 - p.201-210.

RIZZINI, I. (coordenação). **Acolhendo Crianças e Adolescentes. Experiências de Promoção do Direito à Convivência Familiar e Comunitária no Brasil**.São Paulo: Cortez; UNICEF, 2006.

RODRIGUES, V. L. **EMANCIPAÇÃO HUMANA: A importância da Educação Popular para Elevação da Consciência das Mulheres de Baixa Renda**. Universidade Tuiuti do Paraná. 2003. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, J. E; SATO. M. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos: RIMA, 2003.

SCHMIDT, M. A. STOLTZ, T, (coordenação). **Educação, Cidadania e Inclusão Social**. Curitiba: Aos Quatro Ventos,2006.

TEIXEIRA, C. Exclusão social e educação: questões para pensar a inclusão social. *In*: SCMIDT, M.A.; STOLTZ, T. **Educação, Cidadania e Inclusão Social**. Curitiba: Aos Quatro Ventos. 2005.

TOZONI-REIS, M. F. de C. Educação Ambiental: natureza, razão e história. Campinas. SP: Autores Associados, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

IPPUC. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Disponível em: <http://ippucnet.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/Curitibaemdados/Pesquisa.ASP>> Acesso em julho 2007.

<http://www.ibge.gov.br/home/>

APÊNDICES

APÊNDICE 1**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu,

Morador/a da Vila

Estou ciente de que as informações fornecidas a seguir farão parte de um trabalho de pesquisa que tratará sobre a importância de se conhecer a realidade da vida cotidiana dos moradores das duas vilas, junto ao Programa de Pós- Graduação da UFPR, e autorizo que as mesmas sejam publicadas, desde que seja resguardado o anonimato do(a) informante (dados acima não serão divulgados)

Data:/...../.....

APÊNDICE 2

Universidade Federal do Paraná –Mestrado em Educação QUESTIONÁRIO PILOTO

Cidade onde você nasceu: _____ Vila onde mora: _____
 Estado Civil: _____
 Reside a quanto tempo na vila: _____ Escolaridade: _____
 Sexo: () Masculino () Feminino Idade: () anos

1. Para você o que é meio ambiente?
 2. No seu entender o que são problemas ambientais?.....
 3. Para você existem problemas ambientais no seu bairro?.....
Quais?.....
 4. Você se incomoda com esses problemas?.....
 5. No seu entender existem pessoas responsáveis pelo surgimento dos problemas ambientais?.....
 6. Quem são os responsáveis pela solução desses problemas ambientais?.....
 7. Como você acha que as pessoas podem contribuir para melhorar ou conservar o ambiente em que vivem?.....
 8. Você lembra de ter feito alguma coisa para melhorar o lugar onde vive?.....Sua família comenta sobre as condições do ambiente em que vivem.....
 9. Assinale o que considera como problema ambiental:
 () falta de água () esgoto a céu aberto() fumaça de cigarro () lixo a céu aberto
 () buzina () aumento de baratas, ratos () enchentes () fumaça de carro, ônibus ou caminhão () falta de áreas verdes como parques e praças () contaminação do solo () extinção de animais e vegetais () outros Quais?.....
 10. Assinale o que faz parte do meio ambiente?
 () rios, mares, lagos () ser humano () praças, parques, estradas () ar, céu () os animais () construções, casas, prédios, fábricas () chácaras, fazendas
 () vegetação, terras, montanhas () chuvas ,ventos () outros Quais?.....
 11. Você costuma ter informações a respeito do meio ambiente por meio de:
 () livros () revistas () rádio () jornais () professor () outras fontes
 Quais?.....
 12. Escreva o que considera “importante para sua comunidade” saber referente à Educação Ambiental
- MUITO OBRIGADO POR PARTICIPAR.**

APÊNDICE 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. CIDADE ONDE NASCEU: () VILA: BOM MENINO () MOSSUNGUE
2. VOCÊ MORA PRÓXIMO: LIXÃO () VIA RÁPIDA () RIO ()
3. SEXO: () MASC. () FEM. 3 A. IDADE: 3B. RELIGIÃO:
4. ESTADO CIVIL: () CASADO/A () SOLTEIRA/O () VIUVO/A
() SEPARADO/A () DIVORCIADO/A () OUTRO. QUAL.....
HÁ QUANTO TEMPO? (DESDE QUANDO, ANO?)
5. RESIDE HÁ QUANTO TEMPO NA VILA/Bairro?
6. TEM ALGUÉM EM SUA CASA QUE NÃO SABE LER E ESCREVER?
() SIM. QUEM: POR QUÊ?
..... ()
NÃO.
7. VOCÊ ESTUDOU ATÉ QUE ANO?.....
7.A. EM QUE TIPO DE ESCOLA: () PÚBLICA () PARTICULAR.
8. TEM FILHOS? SIM () NÃO () QUANTOS?
9. SE TEM FILHOS, SEXO E IDADE DOS MESMOS:;
.....;;;
.....;;;
10. OS SEUS FILHOS ESTUDAM? SIM () NÃO () QUANTOS ESTUDAM?.....
11. EM QUE ESCOLA Estudam?: MUNICIPAL () ESTADUAL ()
- 11 A. EM QUE HORÁRIO ESTUDAM? () MANHÃ () TARDE () NOITE
12. EM QUE SÉRIES ESTÃO?
13. SEUS FILHOS VÃO PARA A ESCOLA: A PÉ () DE ÔNIBUS () OUTRO ()
OUTRO MEIO DE TRANSPORTE?
14. SE NÃO ESTUDAM: POR QUÊ?
15. VOCÊ MORA EM QUE TIPO DE CASA? () PRÓPRIA () ALUGADA () EMPRES-
TADA () PARENTES () OUTRO. QUAL?
16. HÁ QUANTO TEMPO MORA NESSA CASA?
- 16 A. QUE O/A/SR/A GOSTARIAM DE MELHORAR EM SUA CASA? POR QUÊ?
17. QUANTAS PESSOAS RESIDEM NA SUA CASA?

17. A .QUANTOS TRABALHAM?..... EM QUE HORÁRIO ?
- 17B. QUE TRABALHO, ATIVIDADES FAZEM?
-
- 17.C. QUANTOS AJUDAM EM CASA (FINANCEIRAMENTE)?
18. O SR/SRA. TRABALHA EM QUÊ?.....
- 18 A . EM QUE HORÁRIO? _____ 18B . QUE DIAS?
-
19. ALÉM DO SEU TRABALHO, QUE OUTRAS COISAS FAZ EM SEU DIA A DIA?
-
20. O QUE SIGNIFICA PARA O Sr/a VIVER NESSE LOCAL?.....
-
-
21. DIGA 3 COISAS BOAS DE VIVER AQUI? 1.....;.....
- 2.....; 3.....
- 21.A. DIGA 3 COISAS RUINS DE VIVER AQUI? 1.....;
- 2.....; 3.....
22. EM SUA OPINIÃO QUAIS AS PRINCIPAIS DIFICULDADES EXISTENTES NO SEU BAIRRO?:
-
-
-
- 22.A. QUAIS AS DIFICULDADES CONSIDERADAS MAIS SÉRIAS PARA VOCÊ?
- 1º
- 2º
- 3º
- 22.B. ESSAS DIFICULDADES INTERFEREM NO SEU DIA A DIA?
- SIM () () Não Por que?
-
-
-
23. COMO ESSAS DIFICULDADES/PROBLEMAS PODEM SER RESOLVIDOS?.....
-
-
-
24. QUEM DEVE AJUDAR A RESOLVER? POR QUÊ?.....
-
-
-
25. O SR /SRA JÁ PENSOU EM MUDAR E SAIR DA VILA? SIM () NÃO () POR QUÊ?
-
-
-

.....
 26. SE O SR./SRA. PUDESSE, O QUE MELHORARIA EM SEU BAIRRO POR QUÊ?

.....
 27. O QUE TEM PERTO DE SUA CASA/ BAIRRO? () HOSPITAL () UNIDADE DE SAÚDE () IGREJA () PRAÇA () MERCADO () POLÍCIA () CRECHE () ESCOLA () FARMÁCIA () PADARIA () OUTRAS

.....
 28.A. HÁ ALGUMA ATIVIDADE AQUI NO BAIRRO FEITA PELA IGREJA, PREFEITURA, ESCOLAS, UNIDADE DE SAÚDE, ASSOCIAÇÃO? () SIM QUAIS?.....

.....
 () NÃO () NÃO SEI.

28.B. (SE RESPONDEU SIM,) O SR/SRA. PARTICIPA ATUALMENTE DESSAS ATIVIDADES? () SIM . QUAIS?.....

.....
 EM QUE HORÁRIO?.....

POR QUÊ?.....

() NÃO. POR QUÊ?.....

29. O SR/SRA. JÁ PARTICIPOU EM ATIVIDADES ASSIM ANTES? () SIM - QUANDO? QUE ATIVIDADES FAZIA?

..... POR QUÊ PARTICIPAVA?.....

..... () NÃO . POR QUÊ?

30. O SR/SRA. ACHA QUE AS PESSOAS DEVERIAM PARTICIPAR NESSAS ATIVIDADES? () SIM () NÃO. POR QUÊ?.....

.....
 31. QUANDO ALGUÉM FICA DOENTE O QUE O SR./SRA. FAZ?.....

.....
 32. O QUE O SR./SRA/ FAZ NOS FINAIS DE SEMANA E HORAS VAGAS?.....

.....
 33.A. EM SUA FAMÍLIA O QUE AS PESSOAS FAZEM NOS FINAIS DE SEMANA E HORAS VAGAS?.....

.....
 34. O QUE O SR/A GOSTARIA DE MELHORAR EM SUA VIDA ? POR QUÊ?

35. QUE PROJETO/S TÊM PARA SUA VIDA? POR QUÊ ?

.....
.....
.....

36. GOSTARIA DE ACRESCENTAR ALGO?.....

.....
.....

APÊNDICE 4

SÍNTESE DE ALGUNS RELATOS DO DIÁRIO DE CAMPO

Com vistas a iniciar-se vínculo com a comunidade a fim de preparar caminho para o projeto de pesquisa e também obter-se alguns resultados do projeto de pesquisa em andamento para acrescentar no artigo para ser enviado ao Congresso Ibero Americano que será realizado em abril de 2006 (o prazo máximo para enviar é até 17 de fevereiro). Revisaram-se os questionários para o projeto piloto e decidiu-se junto a coordenadora ir a campo. Foi feito contato com os líderes conhecidos de uma igreja local próximo ao local onde vive a população alvo que, foi indicada como sendo vila onde vivem pessoas de baixa renda. A pessoa indicada para ser a ponte na comunidade, era uma senhora conhecida que participou de um projeto feito na Igreja há algum tempo. Essa senhora é moradora do local há 18 anos, e já fez parte da liderança da associação de moradores da vila durante alguns anos.

Diante da disponibilidade dessa senhora, marquei encontro para conversarmos na comunidade da igreja. Ela estava aguardando na recepção da Igreja, conversamos um pouco sobre a comunidade, expliquei o objetivo do projeto de pesquisa e solicitei sua ajuda. É uma senhora de meia idade, veste-se com roupas de cores fortes, é otimista e alegre. Diante da solicitação feita, imediatamente prontificou-se a colaborar. A partir disso, combinamos de ir juntas no dia 20/01/06 para entregar os questionários na comunidade da vila que fica a três quadras da igreja. A Sra. Comentou que tinha novidades para contar - relatou durante uma hora, suas dificuldades pessoais, e o fato de ter sido brutalmente espancada pelo esposo há 9 meses, homem com quem viveu durante 19 anos, e juntos tiveram um casal de filhos (18 e 19 anos). Contou também que na época deu queixa na delegacia da mulher por orientação do diretor do colégio onde trabalha como zeladora a 18 anos. Na ocasião o esposo fugiu e não foi preso, depois iniciaram o processo de separação legal. Relatou que não ficou com nada dos pertences que tem na casa por receio que o esposo a agredisse novamente. Permaneceu 9 meses fora de casa, retornando a um mês atrás devido a casa da sua falecida mãe, onde estava morando com a filha ter sido judicialmente derrubada, em função da construção de um Shopping Center, inconformada contou que já havia feito

benfeitorias na casa. Relatou que a desapropriação foi em função de pressão do pessoal do shopping. Contou que nessa vila viviam mais ou menos umas 30 famílias que também tiveram suas casas desapropriadas, atualmente só tem 5 casas, e a um mês atrás conseguiram tombar a da sua mãe que morou 19 anos no local, por isso, precisou voltar para a peça nos fundos da casa do ex - esposo. Conta que mesmo quando estava morando em outro local, ajudava o ex - esposo e o filho no pagamento de água, luz e uma cesta básica que recebia na Igreja, porque sentia que um dia iria precisar voltar para lá e queria ter bom relacionamento. Atualmente está morando em uma peça nos fundos, utilizando o banheiro na casa da frente onde estão o esposo e o filho. Durante o relato procurei demonstrar empatia, saber se esta tendo ajuda de alguém da igreja, se sente necessidade de apoio psicológico (nas universidades) e finalmente alertei-a para ficar atenta e observar a conduta do esposo a fim de não ser agredida novamente. Nesse primeiro dia, passeando pela vila, para conhecer o local, ouvi a história dessa senhora que, lamentavelmente retrata o drama e a violência física e moral em que vivem inúmeras mulheres, nas periferias das grandes cidades.

Em 21 de Janeiro de 2006, num sábado às 14:30 nos encontramos com a senhora que estava servindo de guia e nos dirigimos até a vila. Ela conhece pelo nome, praticamente quase todos os moradores próximos da sua residência. O ônibus do mercado popular estava na vila, nos aproximamos e conversamos com algumas mulheres que estavam comprando para saber se seus filhos haviam participado do projeto no contra turno feito na igreja, algumas confirmaram e receberam os dois questionários junto com uma breve orientação para o preenchimento e o combinado para entregar posteriormente, algumas preferiram entregar para essa senhora na Igreja no domingo próximo. Na rua sem asfalto onde o ônibus estava parado, algumas famílias já haviam comprado e retornado para suas casas. Fomos visitar algumas casas da rua: Casa 2 de uma senhora que tem 4 filhos, recebeu os questionários e combinou de levar domingo na igreja; casa 10 mãe de um menino que toca flauta no projeto; casa 11 que ficou com os questionários também para as famílias dos sobrinhos que vivem mais adentro da vila e irão devolver na igreja no domingo; na casa da esquina uma senhora se aproximou e perguntou o que estávamos fazendo, ao ser-lhe explicado disse: “Pra que vocês querem sabe da nossa vida... se não vai ajuda a muda..” (sic). Foi-lhe explicado que esse estudo científico poderá ajudar na elaboração de políticas

públicas, Organizações não Governamentais - Ongs e qualquer pessoa que deseje ajudar na comunidade. Enquanto estávamos visitando as casas, um senhor de meia idade se aproximou, a senhora acompanhante adiantou que era o presidente da associação do bairro. Esse senhor se apresentou como sendo o líder de uma das duas comunidades, eu brevemente relatei o que estávamos fazendo no local, ele ficou com o questionário e se dispôs entregar para alguns conhecidos a fim de que eles também possam opinar sobre quais necessidades consideram importante que sejam levantadas, principalmente no que se refere as questões do meio ambiente no local. Ele nos acompanhou ate a esquina e mostrou onde reside, ficou de entregar o questionário no dia seguinte.

Coincidentemente ou talvez não... Depois que o líder se afastou, enquanto caminhávamos pela vila, outro senhor também se aproximou e se apresentou como sendo o líder da associação de moradores do outro lado do rio. Estava de carro, e estacionou bem ao lado de onde estávamos, dirigiu-se à senhora acompanhante para dizer que era para informar as mães das crianças desse lado da vila que vai ter um evento recreativo na cancha de futebol da vila, organizado pela Fundação de Ação Social - FAS, a senhora combinou que iria casa por casa para avisar.

Apresentei-me para esse senhor e expliquei o objetivo dos questionários, deixei um questionário para ele responder, depois conversamos rapidamente sobre a importância de que as pessoas possam pensar e escrever sobre suas necessidade, principalmente no que se refere ao meio ambiente local e as suas principais necessidades. Esse senhor relatou que está envolvido com várias atividades no bairro, principalmente no que se refere aos projetos de saúde (não entramos em detalhes). Perguntei na opinião dele o que é mais importante para a vila nesse momento, ele diz que é ter uma Creche, pois tem mais ou menos 700 pessoas, onde a maioria são crianças pequenas e não tem onde deixar seus filhos para trabalhar, o que faz com que trabalhem na coleta e separação de lixo, sendo acompanhados dos filhos nessa coleta de material reciclável, diz também que esse é o meio de vida a maioria deles. Antes de se despedir convidou-me para participar do evento com as crianças na próxima sexta feira, agradei e disse que estaria no local nesse dia.

Comentei com minha acompanhante que achava estranho ter dois líderes comunitários, ela relatou que um deles era vice, mas tinham um mau relacionamento e chegaram a brigar sério, resultando até em ameaça de processo. Um dos

presidentes chegou a trancar as portas da associação para o outro não entrar. Atualmente tem duas associações, mas pelo que ela relatou agora as comunidades participam dos eventos promovidos por ambos os líderes comunitários.

Observa-se que os líderes comunitários aparentam uma condição sócio-econômica que aparentemente é melhor do que a da maioria da população, a casa de um deles é ampla e de alvenaria, os muros são altos e, localiza-se na frente do ponto do expresso, possuem também um carro de modelo antigo, mas em bom estado na garagem. O outro líder vive em uma casa própria e possui também um carro popular em bom estado. Diante da necessidade de desenvolver o projeto de pesquisa no referida vila, conhecer ambos os líderes e haver, por parte deles uma boa receptividade, foi, inicialmente um fator positivo.

Combinou-se com a senhora acompanhante, entregar os questionários nas casas da primeira rua e das casas que ficam enfrente à via do expresso, depois na alfaiataria, na casa de uma senhora que tem um casal de filhos que freqüentam os projetos no contra turno escolar, na parte da frente da casa tem uma pequena mercearia, essa senhora se prontificou a ficar com os questionários de dois amigos dos filhos que residem mais adentro da vila. Relata que essas crianças estavam pensando em desistir de ir no projeto da igreja que agora está numa escola, porque ficou muito longe, antes era a duas quadras e agora quase 10 quadras e, ainda precisam atravessar uma rua movimentada de mão dupla.

Ficamos paradas encima de uma ponte e a senhora mostrou algumas casas mais no meio da vila, contou que as pessoas que vivem na casa “branca” todos foram mortos pela polícia, relata que agora está menos perigoso, mas que antigamente tinha muita gente envolvida com o crime. Pergunto como é conviver com essas pessoas, ela diz que as pessoas sabem o que ocorre, mas não falam nada para não sofrer represálias.

Depois fomos à primeira casa depois da ponte, encima do rio, essas casas ficam separadas umas das outras pelo rio. Chama á atenção imensa quantidade de sacolas com material reciclável que tem enfrente e ao redor das casas, a dona da casa nos recebeu com cordialidade, explicamos como proceder para preencher, ela diz que não sabe ler, combinamos que seus filhos irão ajudá-la a responder e escrever suas respostas. Deixamos questionários na casa de uma senhora que tem filhos de várias idades, combinamos que irá levar na igreja local onde freqüenta os cultos no domingo; passamos na casa 53 onde a moradora se prontificou a receber

os questionários das crianças que estavam brincando na esquina e levaram para suas casas no interior da vila.

Enfim, estes foram os primeiros contatos nas residências, algumas casas eram dos familiares de algumas crianças conhecidas por participarem dos projetos sociais desenvolvidos na igreja. Particularmente eu nunca havia entrado em contato com os familiares dessas crianças no pouco tempo que acompanhei o projeto da igreja. Devido ao fato de três pessoas terem dito que preferiam entregar no dia seguinte para não perder as folhas, resolvemos voltar no dia seguinte. Despedi-me de minha acompanhante, depois de combinar que iríamos nos encontrar no dia seguinte, as 15:30 no ponto de ônibus.

Ainda na noite do dia 21 de janeiro tive uma grata surpresa com o telefonema de uma jovem Psicóloga recém formada que conheci em um congresso na Universidade Federal do Paraná – UFPR, onde estiveram psicólogos do México e da Argentina. A psicóloga é bolsista e desenvolve pesquisa com a Professora Maria de Fátima Quintal de Freitas há dois anos, depois do nosso primeiro encontro fiquei sabendo que é amiga de uns amigos da minha filha que pertencem a uma comunidade evangélica. Encontramos-nos várias vezes nos corredores da UFPR e na cantina, sempre trocando algumas idéias sobre o trabalho em comunidades de classes populares.

Durante o telefonema comentei com a jovem Psicóloga que coincidentemente estava iniciando contato numa comunidade de uma vila da periferia para entregar alguns questionários para o projeto piloto. Convidei-a para ir junto à vila no dia seguinte, ela disse que ia sair com o namorado, mas que tinha interesse em conhecer o local e que ligaria para confirmar. Ela confirmou e foi>

Em 22 de janeiro de 2006, as 15:38 cheguei no ponto do expresso, a jovem e o namorado estavam aguardando, dois minutos depois chegou a senhora que nos acompanharia. Apresentei os dois para a nossa acompanhante na vila e contei que ela era uma colega psicóloga que já desenvolveu trabalhos em comunidades. Aparentemente houve uma boa receptividade por parte da acompanhante. Estava chovendo fraquinho, mas constante, eu havia levado sobrinha, emprestei para o casal de namorados e fui embaixo do guarda chuva da senhora. Na primeira casa que chegamos e onde havia sido solicitado para voltar, foi solicitado para entregar o questionário no próximo domingo na igreja, na próxima casa, mãe e filho estavam passeando, por isso, pedimos para a tia avisar que levem o questionário domingo na

igreja. Fomos à casa do líder da associação, no momento não lembrávamos o nome desse senhor, por isso, perguntamos para um senhor que é alfaiate se ele sabia o nome do líder da associação, ele disse que era seu “chara”, agradei e voltei para continuarmos batendo palmas e chamando pelo nome certo. Um menininho de aproximadamente quatro anos de idade saiu do portão da casa ao lado e disse que os vizinhos haviam saído de carro. Ainda nesse dia recolhemos alguns questionários preenchidos, sempre agradecíamos a gentileza de terem preenchido. Fomos até a mercearia de uma senhora que ficou com alguns questionários, ela entregou o que preencheu e disse que os que havíamos entregado para os meninos amigos do seu filho, os pais não quiseram responder, agradecemos a gentileza de ela responder e informar. Fomos até algumas casas apanhar outros questionários e a senhora acompanhante nos disse que era muito bom estarmos ali, mesmo com chuva para mostrar que o preenchimento do questionário é coisa séria. Estávamos perto de um grande supermercado, então aproveitei para convidá-los para lancharmos nesse local. Ficamos mais ou menos uma hora conversando. Durante o período que ficamos ali, nossa acompanhante encontrou alguns parentes e pessoas conhecidas, para duas pessoas nos apresentou como sendo “psicólogas amigas”. A senhora falou com desenvoltura sobre sua vida cotidiana e em um dado momento, falou com naturalidade sobre a presença de roedores nas casas da vila. Procuramos saber se existe alguma iniciativa da saúde para exterminar esses roedores, ela conta que agentes comunitários vão no local a cada dois meses. Relatou vários detalhes de sua vida, contou que sua filha também foi injustiçada pelo pai que não confiava nela e por isso ela também sofria agressão física injustamente. Essa senhora desabafou que o esposo de certa forma, empurrou a filha para que fizesse coisas erradas, pelo simples fato de não confiar nela e acusa-la de coisas que não fizera. Ouvindo essa senhora tem-se uma idéia de como é a vida cotidiana e as inter-relações de algumas pessoas que, como ela sofre violência nas comunidades pobres. Ainda enquanto estávamos na lanchonete desse supermercado, nossa acompanhante encontrou duas mulheres da vila que estavam passando por ali e comentou que eram mãe e filha; contou que seu sobrinho de 19 anos engravidou uma menina de 16 anos e que o bebê está para nascer. Perguntei se ela tinha conhecimento se mais adolescentes que estão grávidas na vila. Ela disse que sabia de alguns casos, mas não sabe se são muitos. Por coincidência encontramos o pessoal da pastoral da criança dias

atrás, e em conversa informal, nos disseram que acompanhavam algumas adolescentes grávidas na vila.

Depois do lanche, nos despedimos da psicóloga e do namorado. Eu continuei na vila e fui com nossa acompanhante até uma antiga vila a poucas quadras, onde atualmente restam apenas 5 casas. No caminho a senhora desabafou e relatou toda sua mágoa com a construção do Shopping, que o chama de “gigante”, diz que tem confiança que com a ajuda de Deus ele será derrotado (sic).

Certifiquei-me que, realmente na vila só restaram apenas quatro ou cinco casas das 30 casas que relataram existir anteriormente. A opinião dessa senhora é que as pessoas que saíram do local não foram tratadas com dignidade, chora ao dizer que “a gente não vale nada para esse povo poderoso” (sic). Uma das casas que ainda estava de pé é a casa da irmã dessa senhora, era uma construção inacabada de dois andares, ainda sem algumas janelas onde o espaço aberto estava coberto por plásticos.

O filho da acompanhante estava jogando bola enfrente a casa da tia, nos viu e veio cumprimentarmos, é um jovem alto, tem dois brincos um em cada orelha e um piercing no queixo, ele diz que sua irmã está passeando no Shopping com suas chaves, por isso, não conseguiu entrar na casa, depois de alguns instantes ele volta para o jogo de bola. Ela relatou mais detalhes de sua vida enquanto caminhamos até o posto de gasolina que fica antes do mercado, onde eu havia deixado o carro.

Enquanto caminhávamos procurei transmitir a essa senhora algumas palavras de estímulo e encorajamento, depois agradei a sua companhia durante a entrega e recolhimento dos questionários.

Dia 23 /01/2006, numa segunda feira, na parte da tarde recebi ligação telefônica do presidente de uma das associações de moradores (meu celular estava no questionário entregue) dizendo que não pode estar no sábado para entregar os questionários, mas que gostaria de entregar pessoalmente e conversar sobre o motivo da pesquisa. Marcamos para terça feira dia 25 as 16:00 horas.

Na terça feira dia 24/01/06, conforme combinado, fui ate a residência do presidente para apanhar os questionários e conversarmos. Fui recebida por ele e sua esposa. O casal reside em uma casa de alvenaria, com boa aparência, enfrente ao ponto do expresso, o muro e o portão são de grades de ferro pintadas, tem uma garagem na frente, com um carro de modelo antigo mas conservado, as peças são espaçosas, o chão é de lajotas claras, os moveis são simples (mesa e cadeira de

madeira aglomerado bem conservado). Sentamos em três cadeiras na copa - cozinha. O senhor iniciou conversa entregando os questionários e perguntando o que era mesmo que eu ia fazer com esse trabalho? relatei novamente, agora com mais detalhes que era uma pesquisa que visa conhecer, a partir do ponto de vista da comunidade quais as suas maiores necessidades e quais as alternativas que eles propõem para os problemas identificados. Disse que é uma pesquisa que poderá também servir de consulta para as políticas públicas, e vir a facilitar a compreensão das necessidades sociais e emocionais no dia a dia das famílias, e com isso, espera-se que no futuro, venha a servir de subsídios para projetos que venham a promover o fortalecimento da comunidade, onde os direitos e os deveres dos moradores sejam assegurados. Enfim, que era um trabalho que visava mostrar a verdadeira face da comunidade levando em consideração o que as pessoas da comunidade dizem e sentem.

A partir da explanação do que ia fazer na vila, percebi que o casal ficou mais solto e se iniciou uma conversa mais informal. Durante mais ou menos meia hora ele relatou a situação do local onde estão morando, é uma invasão onde residem a mais de 18 anos, na época haviam comprado de outra pessoa o lote (com recibos). Eles mostraram todos os tramites que guardam em uma pasta, desde os protocolos com a Cohab, advogados. Tem também um mapa do IPUC onde a vila esta desenhada desde uma foto aérea e demarcada como invasão.

São 50 casas do lado direito do rio e 70 casas do outro lado. Percebeu-se que o casal tem preocupação com a situação legal da moradia, principalmente porque é um local onde investiram durante anos. A profissão do dono da casa é vendedor e a senhora trabalha como doméstica em um prédio de luxo a poucas quadras da vila, relataram também que têm filhos adolescentes. Relataram que no clube de mães da associação, com as arrecadações feitas junto à comunidade foi possível melhorar a sede da associação, local que agora correm o risco de deixar para o outro presidente, por se localizar do outro lado do rio. Relataram que a pessoa que está na liderança, do outro lado do rio, se considera presidente das outras 70 casas, e se “apoderou” da sede que os moradores deste lado da Vila ajudaram a construir. Eles apresentaram alguns documentos que mostravam que o presidente da vila que permaneceu com o mesmo nome foi eleito em assembléia como sendo o Presidente da Associação (entregou-me uma cópia, assinada pela presidente da FAS) onde ele está como Presidente da associação.

Atualmente esse senhor não tem acesso nem mesmo às chaves do local da sede da associação. Percebeu-se que a Associação de Moradores esta dividida, relataram que no Natal passado conseguiram presentes para as crianças do "lado de cá", entre outros benefícios. Relataram também que existem algumas pessoas desconformes com a gestão do outro presidente em função do episódio da sede da associação e do fato de ter sido um dos responsáveis pela separação da vila em duas partes. No momento essas pessoas estão tentando conseguir junto aos políticos (relataram que um vereador que fez várias promessas mas ainda não cumpriu) a construção de uma Creche, porque existem muitas mulheres com filhos pequenos que não podem trabalhar porque não tem com quem deixar seus filhos.

Relataram que conseguiram, após várias solicitações feitas às pessoas influentes, colocar ante- pó na primeira rua da vila, relataram que foram informados que em breve as obras vão começar (até o final da pesquisa não haviam iniciado as obras). Percebe-se que o presidente da associação tem procurado ajuda com várias pessoas para benfeitorias na Vila. Fui convidada para uma reunião na sexta feira as 19:00 horas com algumas pessoas da vila, na ocasião estariam presentes um jovem professor de educação física que deseja desenvolver atividades com as crianças da vila. Fiquei de pensar. Ainda ouvindo os vários relatos das pessoas, soube que a filha de 13 anos de uma das moradoras da vila participou de um evento para modelo num Shopping em Curitiba e ficou em 2º lugar, mostrou as fotos da menina, uma ela estava ao lado do ator global o Kico da malhação. Chamou a menina para que a conhecesse, é uma menina de 1,74m, aparentemente parece ter porte físico para modelo, tanto na aparência quanto na comunicação, é uma menina bem desenvolta. A mãe contou que precisava de R\$ 1.200,00 para que a filha continuasse a participar de eventos e a família não possuía essa quantia, relatou que a menina chorou muito diante da possibilidade do sonho "acabar".

A menina relatou que escreveu uma carta para a presidente da FAS, e mostrou-me a carta e perguntou se eu conhecia alguém que poderia entregar a carta na FAS. Relatei que, coincidentemente estaria com a secretaria pessoal da presidente da FAS na quinta feira e poderia entregar a carta para ela. No final do encontro agradei a ajuda nos questionários e a confiança de exporem suas necessidades.

Expliquei que minha função junto à Universidade era somente desenvolver a pesquisa, mas, que poderia contatar na rede da comunidade alguma possibilidade

de contatos que venham a somar com o que estão pretendendo desenvolver. Nesse mesmo dia contatei com Laura J. de Moura e Costa, coordenadora geral do CEDEA - Centro de Estudos, Defesa e Educação Ambiental de Curitiba, é uma profissional que tem Mestrado e Doutorado em Meio Ambiente, e coordena um programa na TV Comunitária; ela se interessou em conhecer a comunidade.

Em 27/01/06 sexta feira – No período da tarde passei enfrente a residência do presidente da associação para saber se eles iam ao evento da FAS, ele disse que não poderia ir porque lá ia estar o presidente da outra associação. Fui até a cancha onde estavam sendo realizadas as atividades esportivas e recreativas organizadas pela FAS em parceria com a Associação de Moradores dirigida pelo outro presidente. Havia mais ou menos umas 60 crianças e adolescentes e uns 30 adultos (pais e parentes das crianças) no espaço de grama e da quadra de futebol. Duas kombis da prefeitura haviam trazido um grupo de 4 educadores e os equipamentos para as atividades.

Enquanto as crianças participavam, os adultos conversavam entre si reunidos em pequenos grupos. Conversei com o presidente da associação do outro lado do rio e com a presidente do clube de mães. O presidente relatou que tem todos os dados referentes à saúde, estatística e situação das casas dos moradores da vila (desapropriação, entre outras), combinamos que ele daria uma entrevista para relatar essas informações, ele deixou os telefones fixo e celular, assim como o endereço residencial.

A representante do clube de mães convidou-me para conhecer a sede da associação no final do evento (a mais ou menos 4 quadras da cancha). Aproximei-me de algumas senhoras e estabeleci diálogo procurando saber como elas viam esse tipo de iniciativa da prefeitura de trazer um grupo de educadores para fazer atividades esportivas e recreativas com as crianças. Algumas pessoas disseram que era uma iniciativa boa porque trazia atividades para seus filhos; outras achavam que o que a prefeitura devia fazer era enviar mais veículos de policiamento para terem mais segurança, relataram que se escutam tiros durante a noite e as vezes até durante o dia e isso faz com que sintam medo de bala perdida.

Aproveitei para perguntar para um grupo de 4 mulheres se gostariam de responder um questionário sobre o que pensam principalmente das necessidades da vila, elas aceitaram e distribui canetas para responderem sentadas em uma mesa de

tronco de madeira que havia ao lado da cancha, outras duas preferiram escreverem sentadas em um tronco de árvore ao lado da mesa.

Algumas crianças se aproximaram no final das atividades e relataram que já haviam preenchido o questionário e entregue na igreja. Distribuí alguns questionários para algumas mulheres que preferiam responder em suas casas e deixar na sede da associação com a representante do clube de mães. No final do evento agradei as pessoas que haviam respondido. Junto com algumas mulheres fui até a sede da associação para conhecer o local.

A associação de moradores é uma casa de madeira situada enfrente ao rio, têm uma sala ampla, banheiro, cozinha e uma sala com algumas cadeira e doações. A sede está recém pintada, e uma pintura que sugere uma mistura de tinta e água encima de madeira velha; na sala tem vários troféus que, de acordo com as informações da senhora acompanhante, eram resultado das vitórias nos eventos esportivos. Na parte de fora da casa tem um terreno de terra batida, e nos fundos está a casa do caseiro que mora com a esposa e uma filha. No pátio havia um carro Chevette, modelo antigo e em bom estado. Enquanto conversávamos chegou um casal da pastoral da criança. Fui apresentada à elas como sendo uma pesquisadora da UFPR que estava conhecendo a comunidade. O casal da pastoral faz visitas freqüentes às casas da vila e tem formulários referente a situação de saúde, peso das crianças que são preenchidos em cada visita.

Fomos juntos, conversando sobre a alta natalidade de crianças, filhas de mães ainda muito jovens, por isso, a importância dos acompanhamentos para a sobrevivência das crianças e os cuidados com a saúde das futuras mães, A representante da comunidade nos acompanhou até a saída da vila, deu-me os seus números de telefone, combinamos que ela estaria apanhando os questionários que seriam entregues na sede e que posteriormente marcaríamos uma data para uma entrevista formal. Despedimos-nos amigavelmente.

Em 30/ 01/06 entrei em contato com Laura para saber da data da entrevista para a TV Comunitária. Laura solicitou que entrasse em contato com os líderes das associações e sondasse um horário no final de semana para fazer uma matéria externa e combinar data para debate na TV.

Após entrar em contato telefônico com os três representantes, foi marcado para sábado na parte da tarde.

Em 01/02/06 enviei e-mails para a orientadora relatando o andamento dos contatos na comunidade e do fato de participar como ouvinte das entrevistas feitas aos representantes da comunidade.

Em 04/02/2006 de acordo com o combinado com os presidentes das associações de moradores, clube de mães, representante dos moradores da vila, e Laura do CEDEA, estiveram todos os presentes na sede da associação de moradores para a reunião marcada. Compareceram todos e cada Presidente das respectivas Associações expôs seus pontos de vista sobre as vilas, falaram a principio de forma tranqüila sobre tudo que tem a ver com melhorias do local e expuseram seus trabalhos.

No final do encontro houve um pouco de exaltação quando se referiram à sede da Associação que atualmente está sob os cuidados de uma das associações, foi preciso Laura do CEDEA interferir para que se acalmassem. A representante do clube de mães trouxe algumas contribuições referentes a que ambos os presidentes chegassem a um acordo para liberar a sede para que as mães das duas associações utilizassem o local para fazerem cursos, participar de palestras etc.

No final ficou combinado que a secretária de um dos representantes estaria agendando as datas para as referidas utilizações das duas Associações A reunião terminou em clima aparentemente amigável. Combinou-se que seria marcada uma data para que juntos novamente, fossem dar entrevista na TV Comunitária, onde eles estariam relatando as necessidades das duas vilas

****A fita de vídeo com a entrevista na íntegra está com a Dra. Laura de Jesus. Eu fui convidada para participar dessa entrevista, mas expliquei que a minha função no momento é levantar dados para a pesquisa, por isso, não poderia participar nem opinar nas questões das duas vilas.

Em 10/03/2006 foi feita a entrevista na TV Comunitária, estiveram presentes os três representantes da comunidade. Foi um bate papo gravado de uma hora de duração. Laura fez a apresentação de todos e conduziu uma conversa no inicio informal, depois foi conduzindo a fim de que aos poucos cada representante fosse trazendo as principais necessidades vivenciadas pela comunidade e, ao mesmo tempo, foi-se explorando toda a rede que já possuem na comunidade, referente à saúde, educação e cursos que existem para atender a população. Houve adequação e bom senso durante a entrevista, mesmo tendo os dois representantes das associações divergências, durante a entrevista, foi possível passar para o

público uma boa imagem das lideranças da comunidade. Estas informações foram colhidas antes da entrevista, em relato informal dos dois representantes.

Após esses contatos, houve a mudança de orientação e decidiu-se que não iria mais à vila até decidir-se qual os próximos passos para a pesquisa.

Algumas vezes recebi ligações no meu celular dos representantes da comunidade, eles relatam alguma novidade da vila e procuram saber quando vou “aparecer por lá”. Sempre explico que estou muito atarefada com as questões dos estudos e do meu trabalho, mas que em breve irei visita-los.

Permanecemos durante algum tempo elaborando um outro instrumento que quando teve a aprovação da nova orientadora, foi testado.

Fui até outro bairro distante da população alvo para testar o instrumento. Entrei em contato com duas pessoas próximo a um centro de atendimento infantil, ambas se prontificaram a responder. Após a aplicação do questionário piloto, percebeu-se a necessidade de se fazerem pequenos ajustes nas perguntas para torná-las mais claras para os entrevistados, aprimorando o instrumento de coleta.

Após o piloto feito para teste das perguntas do questionário e as modificações feitas, com a aprovação completa do instrumento. Iniciou-se a programação das visitas. Para isso, fazia contatos telefônicos com as lideranças do bairro. Houve total receptividade e ao mesmo tempo, orientações para que sempre estivesse acompanhada de algum representante da comunidade quando entrasse nas vilas.

Breves resumos – os relatos na íntegra estão no caderno do diário.

Para começar a segunda fase da pesquisa e realizar as entrevistas, fizemos alguns combinados com os representantes da comunidade e assinou-se um termo de consentimento.

Em 09/03/07. Antes de chegar à vila fazia contato telefônico para as pessoas da liderança acompanhar-me na entrada da vila. O ônibus parava bem enfrente a casa de um dos representantes da associação de moradores. Após chegar ao local, íamos juntas/os até a primeira casa selecionada para visitar. A primeira casa era bem espaçosa, de alvenaria mal acabada por fora mas, com acabamentos por dentro e evidenciavam esmero no cuidado da casa: percebeu-se que os copos nos armários estavam bem organizados, o sofá estava com almofadas feitas a mão pela moradora, o chão era de cimento cru mas com tapetes também feitos a mão. A Sra entrevistada respondeu todas as perguntas, conversou informalmente um pouco, relatou que era separada, tinha duas filhas que recebiam pensão dos pais (é

separada de dois esposos) comentou alguns detalhes de sua vida e se emocionou. Para finalizar a entrevista expliquei que tinha outras casas para visitar.

Nesse dia, ainda visitamos as casas 17, 18, 23 e 36. Durante o trajeto minha acompanhante contou que estava com pressão baixa e precisava voltar para sua casa. Para dar continuidade às entrevistas, combinamos que após finalizar a casa da pessoa entrevistada, a moradora de onde estava fazendo a entrevista me apresentaria para a próxima casa a ser entrevistada. Quando passei na residência da minha acompanhante no final, fiquei sabendo que o motivo do mal estar da acompanhante foi ter estado no velório do filho de 24 anos de uma vizinha da vila, que foi morto por policiais após tentar assaltar um casal de namorados no parque, isso havia ocorrido no dia anterior, por isso, não iria fazer entrevista na casa dessa família enlutada.

Nas visitas feitas, os entrevistados após responderem, comentavam um pouco de suas vidas, ouvi relatos interessantes e alguns tristes. Algumas pessoas estavam se aprontando para ir à igreja. Em uma das casas bem simples, uma senhora de mais de 70 anos, se ausentou um pouco da sala para se trocar para ir à igreja e quando voltou estava impecável, bem limpa, cabelos penteados e roupas passadas, diferente do seu dia a dia. Isso fez entender que terem uma atividade, passeio pode aumentar a auto estima, até mesmo das pessoas mais idosas. Outra moradora relatou que tinha epilepsia e dificuldades de compreensão, por isso, precisei explicar mais detalhadamente cada pergunta. Outra senhora tinha uma obesidade mórbida e uma lesão na perna, ela relatou que não saía mais de casa. As crianças pequenas pareciam tímidas, ficavam espionando atrás da cortina enquanto a senhora dava a entrevista, ela relatou que seu esposo e sua filha haviam saído para fazer jardim, explicou que sempre trabalham nos finais de semana. Em outra casa que estava mal conservada, enquanto a senhora dava a entrevista, uns meninos atiravam pedras em uma das paredes da casa, ela se levantou e foi chamar a atenção deles. Naquele momento, haviam várias roupas encima dos moveis em uma sala que estava separada do quarto por uma cortina de plástico, havia também pratos copos e panelas sujas sobre uma pia mal conservada.

Em outra casa a moradora estava no portão aguardando com a filha de um ano no colo, sorridente convidou-me para entrar. A sala era ampla, com lajotas, havia uma colchonete no chão cheio de brinquedos. Algumas roupas limpas estavam dobradas encima de uma cadeira, ela disse que estava aguardando a filha

mais velha chegar para cuidar da irmã menor para ela passar as roupas. Disse também que o esposo trabalha de pedreiro durante a semana e que nos finais de semana aproveitam para ficar juntos e levar os filhos para passear. Enquanto ela respondia as questões da entrevista, a filhinha chorou e ela prontamente foi dar mama no seio para o bebê. Só continuamos a entrevista quando o bebezinho havia se acalmado. Parecia se uma pessoa alegre e otimista. No final o esposo veio me cumprimentar e os dois convidaram-me para tomar café, agradei e expliquei que ainda precisava fazer outras entrevistas antes de escurecer.

Esta família vivia numa casa nos fundos da primeira associação, estavam como caseiros para cuidar da sede que é motivo de disputa pelos dois representantes. É uma casa de fundos, de madeira, peças amplas e arejadas pintada com tinta nova na cor verde claro. Nessa ocasião o filho de 27 anos está com a namorada na sala assistindo TV, quando entrei fui cumprimentada com atenção, a mãe e eu ficamos sentadas no sofá, logo após o esposo chegou e ficou junto na sala durante a entrevista. O esposo da senhora entrevistada é um senhor afro descendente, sorridente e receptivo, seus filhos são mestiços porque sua esposa é de cor branca, uma senhora magra, alta de mais ou menos 50 anos de idade, é uma pessoa ágil, serviu lanche para o filho e a namorada, atendeu o esposo e vendeu bombons para uma vizinha que veio comparar na sua porta. Pediu para eu ir até a sua cozinha para ver os bombons. A cozinha estava muito limpa, com decoração simples, enfeites de crochê nas toalhas e pintura na mesa, a geladeira com enfeites e os bombons em um recipiente de plástico bem limpo. Cada bom bom era de uma cor de papel celofane diferente para identificar os sabores. Elogiei o capricho das embalagens. Ela insistiu em presentear-me com um bom bom, mas expliquei que estava fazendo um regime muito rígido. A entrevista ocorreu com tranquilidade, depois conversaram mais um pouco contando que aprendeu a fazer os bombons nos cursos da associação e hoje, ganha um bom dinheirinho com isso. Relatam que sonham com a casa própria e estão lutando para conseguir um cantinho próprio para morar.

Na próxima casa uma menina de mais ou menos 7 anos abre a porta, parecia estar sozinha, tinha os cabelos desalinhados que sugeria que estivesse dormindo. Desde a porta deu para perceber a casa estava em desordem, enquanto ela me atendia, veio um senhor de mais ou menos 70 anos e diz que sua filha estava trabalhando e chegou cansada, por isso, estava dormindo. Ele disse que havíamos

combinado que eu iria também na sua casa para fazer entrevista, mas que se eu não me importasse, ele daria a entrevista porque sua esposa estava na igreja. Fomos para a casa da frente, uma casa mista, bem conservada, ele relatou que reformou a casa com o dinheiro da aposentadoria que recebeu nos últimos anos. Enquanto dava entrevista dois dos seus filhos vieram visita-lo, eles os convidou para entrar e continuou respondendo cada pergunta, depois conversamos um pouco com os filhos das questões da vila, eles relatam que quando viviam ali quando eram pequenos não haviam “bandidos” no local.

Quando sai, após a entrevista, havia dois homens cambaleantes, que sugeria estivessem bêbados, bem na frente da casa, o casal da entrevista anterior saiu e foi até meu encontro e acompanhou-me ate o ponto do ônibus. Senti algum receio com a possibilidade de andar sozinha nesse local.

Nos outros dias que fui fazer as entrevistas na vila, ligava antes e combinava com os líderes para não entrar sozinha na vila, as vezes a presidente do clube de mães me acompanhava até uma parte do dia e o presidente da associação no outro período.

Em uma das vezes que fui acompanhada dos líderes da comunidade para fazer as entrevistas na vila, um deles relatou que quase havia sofrido uma emboscada enquanto levava a esposa para o trabalho de diarista em um dos prédios da proximidade. Relataram com luxo de detalhes o ocorrido e disseram que isso ocorre por questões de disputa que existem nas vilas. Relataram também que depois desse dia a senhora onde a esposa trabalha paga ônibus para ela, mesmo que sejam por poucas quadras.

Quando retornamos das vistas, cheguei rapidamente na casa dos meus acompanhantes e a senhora mostrou-me alguns panos de pratos bordados que fez para vender, e algumas toalhas de crochê, evidenciando muito capricho e esmero, elogiei seu trabalho, ela contou que aprendeu nos cursos que são dados na vila. Outro dia, ao passar na casa dessas pessoas, a mesma senhora estava terminando uma encomenda de brigadeiros e doces para uma festinha na vila. Percebeu-se também o capricho na elaboração dos doces. Aprendizagens adquiridas com os cursos ministrados nas duas vilas.

Nesse dia visitamos mais umas 5 famílias, em todas fui bem recebida e as pessoas nas especificidades dos seus lares, respondiam com boa vontade e depois faziam comentários de suas vidas que sugeria que alem de terem consciência da

sua situação de pobreza, não desistiam da luta, de fazer bicos, de fazerem faxina, os homens de fazerem bicos de pedreiros, eletricitas, catar papel e material reciclável para vender.

A pesquisa desenvolvida nas duas vilas, fez com que me deparasse com uma realidade de vida diferente em alguns aspectos, mas muito similar em outros. Algumas destas pessoas, independente de sua classe social, não perderam, porque são pobres, seus princípios e valores, muitas delas se mantêm firme nos valores adquiridos pelos seus pais, entretanto, outros, diante da miséria sucumbem nas drogas, álcool e delinqüência.

Os contatos feitos durante as entrevistas, foram ricos e gratificantes, espera-se que, de alguma maneira, esta pesquisa sirva para mostrar a realidade dessa comunidade, e servir como material de referencia para melhoria na vida daquelas pessoas.

LISTA DE FIGURAS



FIGURA 1 - RIO QUE DIVIDE AS DUAS VILAS
FOTOGRAFIA: LAURA J. de MOURA e COSTA



FIGURA 2 – CASAS DA VILA , LOCALIZADAS AO LADO DO RIO
FOTOGRAFIA: LAURA J. de MOURA e COSTA



FIGURA 3 – RUAS SEM ASFALTO NA VILA
FOTOGRAFIAS: LAURA J. de MOURA e COSTA

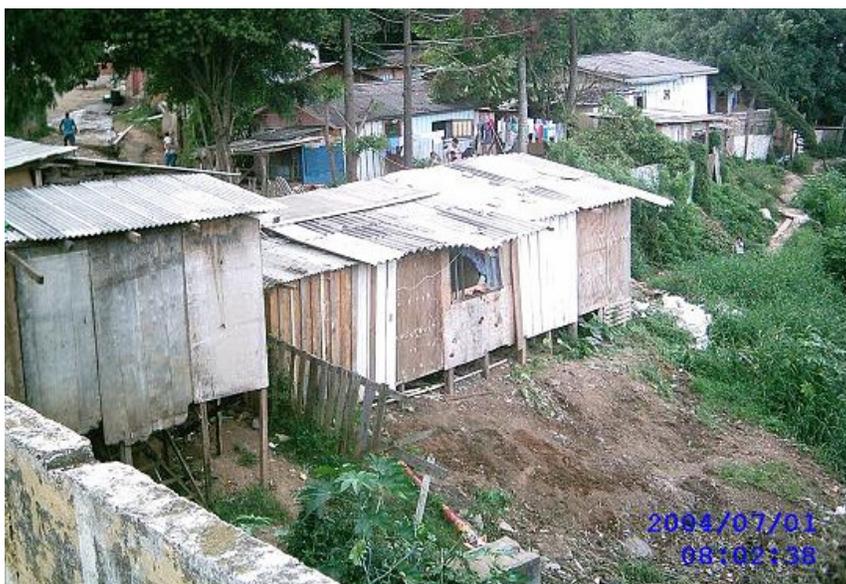


FIGURA 4 – ALGUMAS CASAS DA VILA
FOTOGRAFIAS: LAURA J. de MOURA e COSTA



FIGURA 5 - LIXÃO CLANDESTINO
FOTOGRAFIA: LAURA J. de MOURA e COSTA



FIGURA 6 – VIAS RÁPIDAS QUE CRUZAM AS VILAS
FOTOGRAFIA: LAURA J. de MOURA e COSTA



FIGURA 7 – RIO POLUÍDO
FOTOGRAFIA: LAURA J. de MOURA e COSTA



FIGURA 8 – RIO POLUÍDO
FOTOGRAFIA: LAURA J. de MOURA e COSTA



FIGURA 9. MAPA DAS VILAS

FOTO. IPPUC - INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA - 2004